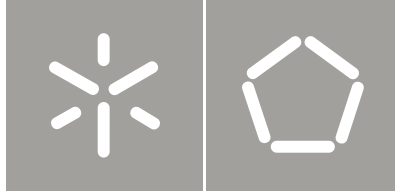


Universidade do Minho
Escola de Engenharia

Tomas Soares Xavier

Projeto EmpreendeTIMOR:
um contributo para a promoção do
empreendedorismo em Timor-Leste



Universidade do Minho
Escola de Engenharia

Tomas Soares Xavier

Projeto EmpreendeTIMOR:
um contributo para a promoção do
empreendedorismo em Timor-Leste

Tese de Mestrado
Engenharia Industrial
Avaliação e Gestão de Projetos e da Inovação

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Filipa Dionísio Vieira
Professora Doutora Cristina S. Rodrigues

DECLARAÇÃO

Nome: Tomás Soares Xavier

Endereço electrónico: Capitão Alfredo Guimarães

Telefone: 966410291

Número do Bilhete de Identidade: 276985457

Título dissertação:

Projeto EmpreendeTIMOR: um contributo para a promoção do empreendedorismo em Timor-Leste

Orientadores:

Professora Doutora Filipa Dionísio Vieira

Professora Doutora Cristina S. Rodrigues

Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Mestrado em Engenharia Industrial

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus todo-poderoso por intersecção de nosso Senhor Jesus Cristo que me dá saúde, força e vontade para enfrentar os desafios e os obstáculos que atravesso, como estudante timorense em Portugal.

Em segundo lugar agradeço às minhas orientadoras, Professora Doutora Filipa Dionísio Vieira e Professora Doutora Cristina S. Rodrigues, que desde o início, de coração me deram apoio para enfrentar os desafios do meu estudo, e além das suas preocupações e ocupações, ainda disponibilizaram o seu tempo para me ajudar a orientar o meu trabalho de dissertação até ao fim.

Agradeço aos Professores Doutores José Telhada e Dinis Carvalho, respetivamente Diretor e ex-Diretor do Curso de Mestrado de Engenharia Industrial, a todos os docentes e funcionários do Departamento de Produção e Sistemas da Universidade do Minho, o apoio recebido, em particular as informações úteis sobre o funcionamento do curso neste ramo.

Agradeço ao Professor Doutor Luís Alfredo Martins Amaral, Coordenador do Projecto de Formação Docente da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) na Universidade do Minho, e ao senhor Tony Lavander, elemento de ligação no Protocolo entre as duas Universidades.

Agradeço ao Ministério da Educação de Timor-Leste, através da UNTL, a bolsa de estudo concedida aos docentes da UNTL que me permitiu frequentar o curso de mestrado em Portugal. E agradeço ao Professor Doutor Aurélio Guterres, Mestre Engenheiro Gabriel António de Sá e a todos os Docentes da UNTL e das Universidades privadas de Timor-Leste o apoio nas pesquisas realizadas em Díli.

Agradeço à minha família que, durante este tempo todo, me deram todo o apoio moral e as suas orações para que eu pudesse enfrentar os desafios da vida como estudante e longe da família.

Não posso esquecer o inestimável sacrifício que fez a minha esposa, Ofélia Vilhena Ribeiro, que assumiu a responsabilidade da família, como mãe e ao mesmo tempo como pai, durante a minha ausência. E agradeço também aos meus filhos Noronho, Angelica, Juninho e Julinho que sacrificaram as suas vontades de andar a brincar com o pai na nossa residência.

Por último, quero também agradecer a todos os outros que não mencionei, mas cuja colaboração me foi preciosa.

Acreditamos em Deus e unidos conseguiremos construir um futuro melhor para este jovem país,
Timor-Leste.

Muito obrigado!

Dedico o presente trabalho

Em especial à minha família, Ofélia Vilhena Ribeiro, Noronho Vilhena Soares, Angelica Vilhena Soares, Juninho Vilhena Soares e Julinho Vilhena Soares pela oração, motivação, apoio, paciência e amor apesar do peso da minha ausência.

Aos meus irmãos, Luís Rangel, Jacinto Soares, Natalina Soares e António Soares pela oração e motivação que me deram para enfrentar os desafios do estudo.

Às minhas sobrinhas, Francisca Soares, Helena Soares, e às minhas cunhadas, Inácia Vilhena Ribeiro, Artemísia Vilhena Ribeiro e Nina Vilhena Ribeiro, que muito ajudaram a minha família na minha ausência.

Resumo

O Governo de Timor-Leste reconhece a importância do sector privado para o desenvolvimento da economia do país e definiu um programa de várias iniciativas para garantir o crescimento do sector privado nas áreas rurais e urbanas, como por exemplo alterações legislativas, criação de apoios financeiros, e agilização de processos de criação de empresas. Dadas as limitações de emprego existentes em Timor-Leste, é necessário reconhecer a atitude individual de empreendedorismo e promover esta nova dinâmica de criação de emprego. O empreendedorismo tem sido reconhecido como fonte de bases sustentadoras na promoção da inovação, da criação de oportunidades, da sustentabilidade local e do desenvolvimento sócio-económico de um país.

A presente investigação pretende contribuir para a discussão da temática do empreendedorismo em Timor-Leste. O Projeto EmpreendeTIMOR compreendeu a implementação de dois questionários. O primeiro questionário foi realizado junto de 140 estudantes do ensino superior, com o objetivo de compreender as suas intenções e atitudes empreendedoras. Os resultados evidenciam uma elevada intenção empreendedora dos estudantes, em simultâneo com uma baixa predisposição para o empreendedorismo. Identificam-se diferenças em função da área do curso e do género. Os estudantes também apresentam níveis elevados de autoeficácia, autonomia e resiliência. Mas embora confiantes em relação às suas competências técnicas, os estudantes reconhecem a existência de problemas nas competências financeiras.

O segundo questionário foi realizado junto de 123 professores universitários timorenses, com o objetivo de compreender as perceções dos mesmos em relação ao empreendedorismo. Os resultados sugerem uma boa imagem do empreendedorismo, ainda que com resultados contraditórios em algumas afirmações. Os professores revelam uma baixa predisposição ao risco, no entanto, quando questionados sobre as competências dos seus alunos, revelam uma elevada confiança nas competências dos mesmos. Em relação ao papel da universidade na promoção do empreendedorismo, os professores de forma expressiva reconhecem a sua importância e pertinência. Concordam com um papel mais interveniente da universidade na promoção do empreendedorismo, incluindo a sua própria participação.

Palavras-chave: Timor-Leste, Empreendedorismo, Atitudes, Predisposição, Questionários.

Abstract

The Government of Timor-Leste recognizes the importance of the private sector for the development of the economy. Therefore, it was established a development program with several initiatives to ensure the growth of the private sector in rural and urban areas, such as legislative changes, creation of financial support, and faster process enterprise creation. Given the limitations of existing employment in Timor-Leste, it is necessary to recognize the individual attitude of entrepreneurship and promote this new dynamic of job creation. Entrepreneurship has been recognized as a source of sustaining basis in fostering innovation, creating opportunities, local sustainability and socio-economic development of a country.

This research aims to contribute to the discussion of the theme of entrepreneurship in East Timor. The Project EmpreendeTIMOR included the implementation of two different surveys. The first survey was conducted among 140 undergraduate students, in order to understand their intentions and entrepreneurial attitudes. The results show a high entrepreneurial intention of students and simultaneously a low predisposition to entrepreneurship. It also identified differences related to the area of the course and gender. Students also have high levels of self-efficacy, autonomy and resilience. Although confident about their technical skills, students recognize the existence of problems in financial skills.

The second survey was conducted among 123 Timorese university professors, with the goal of understanding the perceptions of themselves in relation to entrepreneurship. The results suggest a good image of entrepreneurship, even with contradictory results in some statements. Teachers show a low risk predisposition, but a high confidence in the skills of their students. Regarding the role of universities in promoting entrepreneurship, teachers expressively recognize its importance and relevance, and agree with a more proactive role of the university in promoting entrepreneurship, including their own participation.

Keywords: East Timor, Entrepreneurship, Attitudes, Predisposition, Survey.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice	ix
Índice de Figuras	xi
Índice de Quadros	xiii
Lista de Siglas, Abreviaturas e Acrónimos	xv
Introdução.....	1
1. Enquadramento	1
2. Objetivos.....	4
3. Estrutura da dissertação	4
Capítulo 1 - Empreendedorismo	7
1.1 - Definição de empreendedorismo	7
1.2 - Definição de empreendedor.....	8
1.3 - Características do empreendedor	13
1.4 - Empreender: motivação e cultura	15
1.5 - A importância da educação para a promoção do empreendedorismo	16
1.6. Conclusão do Capítulo 1	18
Capítulo 2 - O Sector Privado em Timor-Leste	21
2.1. A importância do sector privado	21
2.2. A iniciativa privada em Timor-Leste.....	21
2.3. Os sectores de atividade económica	22
2.4. Reformas necessárias e previstas.....	26
2.5. Efeitos esperados	29
2.6. Estabelecimento de Zonas Económicas Especiais	29

2.7. Iniciativas do Governo para o sector privado nas zonas rurais	31
2.8. Conclusão do Capítulo 2	35
Capítulo 3 - Metodologia de investigação	37
3.1 - Objetivos.....	37
3.2 - Recolha de dados e plano de informação.....	37
Capítulo 4 - Questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST	43
4.1 - A amostra	43
4.2 - Resultados do Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST	44
4.3 - Conclusão do Capítulo 4	53
Capítulo 5 - Questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF	55
5.1 - A amostra	55
5.2 - Resultados do Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF.....	58
5.3 - Conclusão do Capítulo 5	66
Conclusão	67
1. Considerações finais	67
2. Contribuições do trabalho desenvolvido	69
3. Sugestões de trabalho futuro.....	70
Referências bibliográficas.....	73
Apêndices	77
Apêndice I: Oportunidades e Ideias	79
Apêndice II: questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST.....	81
Apêndice III: questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF	83
Apêndice IV: Declaração de necessidade de deslocação (fevereiro 2013).....	85
Apêndice V: Declaração de necessidade de deslocação (agosto 2013).....	87

Índice de Figuras

Figura 1: O processo empreendedor	11
Figura 2: Total de atividades de iniciativa privada registadas, por distrito, em Timor-Leste (Fonte: Cabral (2012)).....	22
Figura 3: Investimento e Rendimento de Iniciativa privada em Timor-Leste (Fonte: Cabral (2012))	24
Figura 4: Total do capital investido nos distritos de Díli, Baucau e Bobonaro (Fonte: Cabral (2012))	25
Figura 5: Total do Rendimento nos distritos de Díli, Baucau e Bobonaro (Fonte: Cabral (2012))	26
Figura 6: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Comportamento empreendedor dos pais.....	45
Figura 7: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Predisposição ao risco	48
Figura 8: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Relação entre curso e a afirmação 2 (<i>"Eu gosto de desafios..."</i>)	49
Figura 9: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Distribuição por género	56
Figura 10: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Distribuição das idades dos professores respondentes	56
Figura 11: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Distribuição por tipo de universidade (financiamento)	57
Figura 12: EmpreendeTIMOR UNIVPROF – Barreiras percebidas (%respostas positivas)	61
Figura 13: EmpreendeTIMOR UNIVPROF – Suportes percebidos (%respostas positivas)	62
Figura 14: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF – Competências dos alunos	64
Figura 15: EmpreendeTIMOR UNIVPROF – Papel da universidade na promoção do empreendedorismo.....	65

Índice de Quadros

Quadro 1: Atividades económicas de iniciativa privada em Timor-Leste (Fonte: Cabral (2012)).	23
Quadro 2: Breve síntese do questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST	40
Quadro 3: Breve síntese do questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF.....	42
Quadro 4: Distribuição por género	44
Quadro 5: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Intenção Empreendedora dos Estudantes	46
Quadro 6: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Predisposição Empreendedora dos Estudantes	47
Quadro 7: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Índice de predisposição ao risco.....	50
Quadro 8: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Personalidade e competências	51
Quadro 9: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Perfil médio das características de personalidade e competências.....	52
Quadro 10: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Universidades dos professores respondentes	57
Quadro 11: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Áreas predominantes de ensino dos professores respondentes.....	58
Quadro 12: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Imagem percebida do empreendedor.....	59
Quadro 13: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Imagem percebida do empreendedorismo	60
Quadro 14: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF – Predisposição ao risco.....	63

Lista de Siglas, Abreviaturas e Acrónimos

CCE – Comissão das Comunidades Europeias

DIT – *Dili Institute of Technology*

DNE – Direção Nacional de Estatística

IADE – Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial

ICR – Instituto de Ciências Religiosas

ITIE - Iniciativa para a Transparência nas Indústrias Extrativas

MAC - Método Aberto de Coordenação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONG - Organização Não Governamental

PED – Programa Estratégico de Desenvolvimento

PDD – Programa de Desenvolvimento Descentralizado

PMEs - Pequenas e Médias Empresas

PNB - Produto Nacional Bruto

RDTL – República Democrática de Timor-Leste

UNDIL – Universidade de Dili

UNDP - *United Nations Development Programme*

UNITAL – Universidade Oriental de Timor Lorosa'e

UNTL - Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Introdução

1. Enquadramento

Timor-Leste é um país jovem localizado na Ásia e que ocupa metade da ilha de Timor, incluindo também o enclave de Oecussi, a ilha de Atauro e o ilhéu de Jaco. O país tem uma única fronteira terrestre com a Indonésia, mas tem também fronteira marítima com a Austrália, no Mar de Timor, a sul. A capital do país é Díli, cidade localizada na costa norte (Durand, 2010).

A ilha de Timor, na parte leste que hoje se chama Timor-Leste, foi colonizada pelos portugueses em 1512. Este território fez parte integrante de Portugal até 1974 (Durand, 2009). Após a saída do governo português, o Governo indonésio invadiu o território em 1975 e aí permaneceu até 1999, data do referendo que legitimou o direito à autodeterminação de Timor-Leste. As Nações Unidas tomaram a responsabilidade do país durante dois anos para a preparação da independência de Timor-Leste. No dia da restauração da Independência da República Democrática de Timor-Leste (RDTL) em 2002, a organização das Nações Unidas entregou o poder ao povo de Timor para governar o seu país.

A Independência ocorreu há 11 anos, no entanto o desenvolvimento económico do país tem sido muito lento, apenas concentrado nas zonas urbanas e não atingindo as zonas rurais. Tradicionalmente, Timor-Leste tem sido, em grande medida, uma economia assente na agricultura de subsistência, com uma população rural dispersa e que vive perto da linha de pobreza. Por isso, baseando-se no Plano Estratégico de Desenvolvimento de 2011 a 2030, o governo prevê investir no desenvolvimento rural, na agricultura, no petróleo, no turismo e no sector privado (RDTL, 2010).

O desenvolvimento do país deve iniciar-se nos aspetos que são considerados mais importantes para o crescimento económico, o progresso e a propriedade de um país. Os aspetos mencionados acima são: o desenvolvimento da economia, da cultura, da saúde, da educação, e das infraestruturas. Todos esses fatores têm relações fortemente vinculadas com a vida quotidiana de toda a população. O desenvolvimento mede-se através da multiplicação das escolhas quantitativas e qualitativas de uma dada economia. Estas escolhas são proporcionadas pelo sector privado na qualidade do principal agente económico para a criação da riqueza e prosperidade económica de um país.

O Governo de Timor-Leste reconhece a importância do sector privado para o desenvolvimento da economia do país. No seu programa estratégico de desenvolvimento pretende que até 2030 o sector privado seja a principal fonte de crescimento de rendimentos e de emprego nas áreas rurais de Timor-Leste (RDTL, 2010). Como tal, o governo tem planeadas várias iniciativas para garantir o crescimento do sector privado nas áreas rurais e urbanas, e uniformizar os requisitos e processos de registo de empresas, fazendo com que seja mais fácil e mais rápido criar uma empresa em Timor-Leste (RDTL, 2012). Está prevista a criação de uma nova lei de investimento para assegurar os interesses dos investidores e fazer novas reformas legislativas, com vista à criação de um ‘balcão único’ para empresas, o que irá aumentar o incentivo ao investimento. Esta iniciativa, juntamente com a criação da Câmara de Comércio e Indústria de Timor-Leste, em 2010, começa por ser um alicerce consistente para o desenvolvimento de um sector privado forte. A Câmara de Comércio e de Indústria tem a responsabilidade de capacitar os recursos humanos das empresas privadas, para que elas tenham qualidade e capacidade de identificar novas oportunidades de negócio, de criar negócios, de se expandir para novas áreas ou mercados, e de começar a exportar. O Governo pretende estabelecer uma cooperação entre o sector público e o sector privado para implementar os projetos de infraestruturas de grande dimensão. Relativamente ao desenvolvimento das indústrias petrolíferas, o Governo pretende estabelecer uma nova companhia Nacional de Petróleo. Esta companhia deverá ser capaz de liderar o desenvolvimento da indústria por via de participação direta na identificação do investimento no sector petrolífero timorense. Permitirá assim, que Timor-Leste tenha uma intervenção direta na expansão do sector petrolífero, beneficiando desta expansão (RDTL, 2010, 2012).

O Governo, também estabeleceu, em 2010, um Banco de Desenvolvimento Nacional, com o objetivo de apoiar financeiramente os empresários, para que estes invistam nas áreas que foram identificadas como tendo vantagem e sustentabilidade a longo prazo. Nesse ano, criou a Companhia de Investimento de Timor-Leste com o intuito de ajudar as empresas que desenvolvem a economia timorense, privilegiando o investimento claro e rigoroso, operações administrativas e comerciais independentes e elevados padrões de boa governação. Para além disto, o governo deseja transformar a Instituição de Micro-Finanças de Timor-Leste, criada em 2002, em Banco Nacional de Comércio de Timor-Leste, o qual já tem agências em cada Distrito e chega aos Subdistritos através de veículos de banca móvel. O Governo continuará a apoiar o Banco e o seu alargamento, para poder servir toda a população timorense, na prestação de serviços bancários e de crédito, e promover o desenvolvimento urbano e rural. O Banco Nacional de Comércio de Timor-

Leste tem como intenção a prestação de serviços a particulares e a empresas (micro, pequenas e médias), a fim de desenvolver e ampliar os seus negócios nas zonas remotas, para responder facilmente às necessidades de todos os cidadãos, não só dos residentes em zonas urbanas, mas também dos residentes em zonas rurais (RDTL, 2010).

Para além das medidas enunciadas, o sector privado pode ser estimulado por recurso a programas de incentivo à criação do próprio emprego. Estes programas são basicamente programas de apoio ao empreendedorismo.

A palavra empreendedorismo tem origem no francês, e já existe há muito tempo. Esta palavra tem diversos sentidos por causa, dos também diferentes significados que tem tido desde há séculos. Empreendedorismo é um vocábulo formado pela duas palavras «entre» e «prende», e significa qualquer coisa como «estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor» (Sarkar, 2010). O economista francês do século XVIII, Richard Cantillon, foi o primeiro a definir este conceito, colocando ao empreendedorismo uma interpretação próxima daquela que tem hoje. Em 1755, Cantillon relatou no seu ensaio que o empreendedor é uma pessoa que paga um determinado preço por um produto para o vender a um outro preço incerto, tomando decisões sobre como obter e usar recursos e assumindo o risco empresarial. Além disso, em 1776, Adam Smith, no seu *Wealth of Nations*, fez alusões aos empreendedores como pessoas que aproveitam as alterações das economias, funcionando como agentes económicos que transformam a procura em oferta. No século seguinte, em 1848, John Stuart Mill refere-se ao empreendedorismo como a base de uma empresa privada. Para Carl Menger, na sua obra *Principles of Economics* em 1871, o empreendedor é aquele que transforma recursos em produtos e serviços úteis criando oportunidades para fomentar o crescimento industrial. Também, Jean-Baptiste Say, em 1803, explica que o empreendedor é aquele que desloca recursos económicos de um sector de produtividade mais baixo para um sector de produtividade mais alto, com maior lucro (Sarkar, 2010).

O empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes, e recebendo as consequências da satisfação e da independência (Hisrich, Peters & Shepherd, 2009). O empreendedor é a pessoa que tem a capacidade de ver, identificar e avaliar oportunidades de negócios, prover recursos necessários para pô-los em vantagem, e iniciar a ação apropriada para assegurar o sucesso do negócio em questão. Os empreendedores são responsáveis pelo

desenvolvimento económico, pela introdução e implementação de ideias inovadoras, que estão na origem das inovações. A implementação destas novas ideias, pelos empreendedores, permite a criação de novas empresas, que oferecem novos produtos ou serviços, para satisfazer as necessidades de novos clientes. Estas novas empresas conduzem ao crescimento económico, pela criação de novos empregos para a população ativa (Van Praag, 1999). Wong, Ho e Autio (2005) afirmam que as pequenas empresas e as empresas recém-formadas permitem a criação de um número significativo de novos empregos, acrescentando ainda, que alguns estudos mostram que as pequenas e novas empresas têm proporcionado a criação da maioria dos novos empregos.

O empreendedorismo é, assim, o principal fator de promoção do desenvolvimento económico e social de um país. Por isso, os membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) dão prioridade na sua política ao empreendedorismo como uma alternativa para resolver a crise económica que os países atravessam (OCDE, 2009a).

2. Objetivos

O objetivo principal deste trabalho de investigação é estudar o potencial de empreendedorismo em Timor-Leste, nomeadamente compreender que atitudes, perceções e necessidades estão associadas aos futuros e potenciais empreendedores timorenses, estudantes universitários. Assim, a investigação pretende contribuir para a definição de uma política de incentivo à iniciativa privada e negócio próprio que poderá, a título de exemplo, contemplar um conjunto de recomendações para a definição de programas de incentivo ao empreendedorismo. Sendo assim, procurar-se-á responder às seguintes questões de investigação:

- Qual o potencial empreendedor dos estudantes universitários de Timor-Leste?
- Que perceções os professores universitários de Timor-Leste têm em relação à iniciativa de alguém criar o próprio emprego?

3. Estrutura da dissertação

Esta dissertação apresenta uma pequena introdução com enquadramento e objetivos e compreende um total de cinco capítulos, conclusão e apêndices. O Capítulo 1 faz uma análise sobre o conceito do empreendedorismo, o Capítulo 2 apresenta um breve resumo sobre o sector privado em Timor-Leste e o Capítulo 3 explica a metodologia de investigação utilizada no

desenvolvimento do trabalho de investigação Projeto EmpreendeTIMOR. No Capítulo 4 e no Capítulo 5 apresentam-se e discutem-se os principais resultados obtidos no Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST e Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF, respetivamente.

Finalmente, a dissertação finaliza com a apresentação das principais conclusões obtidas no âmbito deste trabalho de investigação, contribuições do trabalho desenvolvido e sugestões para trabalho futuro.

Capítulo 1 - Empreendedorismo

Neste capítulo é apresentada uma síntese teórica do tema empreendedorismo, nomeadamente através da definição de empreendedorismo e do empreendedor, respetivas características do empreendedor, motivação e cultura associada ao ato de empreender e a importância da educação para a promoção do empreendedorismo.

1.1 - Definição de empreendedorismo

O empreendedorismo consiste na criação de um novo negócio, como por exemplo emprego próprio ou no desenvolvimento de novas oportunidades em organizações/empresas já existentes. Por contribuir para a criação de uma cultura empresarial dinâmica, onde as empresas procuram progredir na cadeia de valor, num ambiente económico global, o empreendedorismo ocupa um lugar central na opinião pública traduzido numa crescente preocupação política com o tema e com o interesse renovado nos meios de comunicação social. (GEM, 2010). Embora, o termo empreendedorismo não seja algo novo, tem sido utilizado com diferentes sentidos.

A palavra empreendedorismo tem a sua origem na língua francesa e é a junção de «entre» e «prende». Significa qualquer coisa que o produtor oferece no mercado entre o fornecedor e o consumidor, ou seja, alguém que inicia ou empreende um projecto ou uma atividade significativa.

A seguir apresentam-se algumas das definições possíveis para o termo empreendedorismo:

- *“Empreendedorismo: 1. Característica ou índole do que ou de quem é empreendedor; 2. Postura do sujeito que, por vontade ou iniciativa própria, efetua determinadas ações ou elabora técnicas inéditas com a finalidade de amplificar, prosperar e expandir produtos, serviços ou qualquer outra atividade organizacional ou comercial.”*
(<http://www.lexico.pt/empreendedorismo/>)
- *“Processo dinâmico realizado pelo indivíduo que, por iniciativa ou vontade própria, procura identificar, analisar, planejar e implementar produtos ou serviços comercializáveis de base tecnológica, considerados como oportunidades de negócio.”* [Definição de empreendedorismo In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-10-25]. Disponível na [www: <URL: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/empreendedorismo>](http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/empreendedorismo)].

- “*Empreender é criar empresa, criar negócio; ter ideias com vista à produção de bens ou serviços e concretizá-las.*” (<http://www.iapmei.pt/iapmei-gls-02.php?glsid=4&letra=E>)
- “*Empreendedorismo é uma capacidade criativa individual, independente ou dentro de uma organização, para identificar uma oportunidade e para a seguir, de forma a produzir um novo valor ou o sucesso económico.*” (União Europeia)

Como surgiu o termo? O termo empreendedorismo tem a sua origem na disciplina económica. Richard Cantillon foi a primeira pessoa a utilizar o termo empreendedor com um significado económico e a demonstrar um conceito claro da função empreendedora (Sarkar, 2010; Hisrich *et al.*, 2009). Apesar de Cantillon ter sido o primeiro a definir as funções do empreendedor, o primeiro a estabelecer os fundamentos do campo de estudo do empreendedorismo foi o economista francês Jean-Baptiste Say (Sarkar, 2010; Hisrich *et al.*, 2009; Maia & Maia, 2010).

Ao contrário de Cantillon, Say não considerava os riscos ou a incerteza como o aspeto central da função do empreendedor, mas sim o papel de coordenação da produção e da distribuição, com o objetivo de alcançar o máximo lucro resultante das vendas (Maia & Maia, 2010).

O empreendedorismo também se apresenta como fundamental para o desenvolvimento económico, potencializando os lucros por meio de uma “visão” ou um “espírito” muitas vezes mais individual do que fruto de um cálculo racional (Carvalho, Lopes & Reimão, 2011).

Segundo Hisrich *et al.* (2009) o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, com dedicação de tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes, e recebendo as recompensas da satisfação económica pessoal.

1.2 - Definição de empreendedor

O empreendedor é o indivíduo que tem como característica principal o espírito criativo, e apresenta determinadas habilidades e competências para criar, abrir e gerir um negócio, com capacidade de gerar resultados positivos. É aquele que é capaz de conceber, de pôr em prática, e de estimular os que o acompanham, com uma atitude de desafio permanente, de vontade de superação de

indiferença. Mas, o empreendedor pode também trabalhar por conta de outrem (o empresário – que é o proprietário ou o acionista que tem controlo da empresa) (Duarte & Esperança, 2012).

Segundo Sarkar (2010), em 1755, Richard Cantillon definia os empreendedores como indivíduos que aproveitavam as oportunidades com a intenção de obterem mais lucros. Para isso, eles tomavam decisões numa situação de incerteza e assumiam riscos ao serem responsáveis pelas suas decisões, de comprar mercadorias a preços baixos e em seguida vendê-los a um preço mais alto.

Jean-Baptiste Say, em 1803, veio popularizar o conceito de empreendedor, no início do século XIX, referindo que o empreendedor é de fundamental importância no desenvolvimento económico, dada a sua capacidade de combinação e transferência de recursos de sectores de baixa para os de alta produtividade (Sarkar, 2010).

De acordo com Maia e Maia (2010), Cantillon e Say consideravam os empreendedores como pessoas que corriam riscos, porque basicamente investiam o seu próprio dinheiro. Os empreendedores são, portanto, pessoas que aproveitam as oportunidades com a perspectiva de obterem lucros e assumirem os riscos inerentes.

Na perspectiva de Fillion (1999), o empreendedor é aquele que possui criatividade, possui capacidade de estabelecer objetivos e de os perseguir, que mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-o para detetar oportunidades de negócios. Um empreendedor continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios, toma decisões moderadamente arriscadas, objetiva a inovação e continua a desempenhar um papel empreendedor. É uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões. De alguma forma, os empreendedores são capazes de detetar uma oportunidade, que com a sua visão empreendedora lhe fornece as diretrizes para a implantação do plano a ser executado. Contudo é importante reforçar, que para detectar oportunidades de negócios é preciso ter intuição, que a intuição requer entendimento, e o entendimento requer um nível mínimo de conhecimento.

Santos *et al.* (2008) e Sarkar (2010) definem o empreendedor como uma pessoa que dedica toda a sua energia à inovação e ao crescimento, que se manifesta de duas diferentes maneiras: (1) criação da sua própria empresa ou (2) desenvolvendo alguma coisa completamente nova numa empresa existente (que herdou ou comprou, por exemplo). Como resultado ter-se-á uma nova

empresa, um novo produto, um novo mercado, uma nova maneira de fazer, a possibilidade de introduzir inovações, mas assumindo os riscos, seja na forma de administrar, vender, fabricar, distribuir ou de fazer propaganda dos seus produtos e serviços, e sempre com o objetivo de agregar novos valores.

No entanto, a definição mais recorrente foi apresentada por Schumpeter, em 1928, que definiu o empreendedor como alguém que é, sobretudo, um inovador que impulsiona o desenvolvimento económico por meio da reforma ou revolução do padrão de produção. Schumpeter explica o processo de desenvolvimento económico (e os seus ciclos) como decorrente do surgimento de novas combinações e novos usos de recursos, como por exemplo a introdução de um novo bem ou de um bem já existente com novas características; a introdução de um novo método de produção; a abertura de um novo mercado; a descoberta de novas fontes de suprimento; e o desenvolvimento de novas formas de organização (Sarkar, 2010).

As várias concepções existentes sobre o empreendedor demonstram o seu carácter multifacetado, pois é uma pessoa que é capaz de assumir riscos em condições de incerteza, fornecer capital financeiro, decidir, liderar, gerir, entre outros. Entretanto, independente da definição do termo empreendedor sabe-se da importância económica que esse agente exerce, sobretudo, no âmbito das pequenas empresas (Santos *et al.*, 2008).

Os empreendedores são responsáveis pelo desenvolvimento económico, pela introdução e implementação de ideias inovadoras, que estão na origem das inovações. A implementação destas novas ideias, pelos empreendedores, permite a criação de novas empresas, que oferecem novos produtos ou serviços, para satisfazer as necessidades de novos clientes. Estas novas empresas conduzem ao crescimento económico, pela criação de novos empregos para a população ativa (Van Praag, 1999). Wong, Ho e Autio (2005) afirmam que as pequenas empresas e as empresas recém-formadas permitem a criação de um número significativo de novos empregos, acrescentando ainda, que alguns estudos mostram que as pequenas e novas empresas têm proporcionado a criação da maioria dos novos empregos.

O espírito empreendedor é a atitude mental e comportamental para o processo de criação e desenvolvimento de atividades económicas, combinando o risco e a criatividade e/ou a inovação com uma gestão rigorosa, no âmbito de uma organização nova ou já existente (CCE, 2006).

Sempre que um empreendedor cria uma empresa, inova numa actividade ou é inovador numa estratégia empresarial, tem sempre subjacente a noção de uma oportunidade e a vontade de fazer qualquer coisa diferente ou de maneira diferente, com o objetivo de obter uma vantagem competitiva, utilizando para tal os recursos disponíveis (Duarte & Esperança, 2012).

Timmons (1994) propõe a análise do processo empreendedor através de três fatores fundamentais: oportunidade, equipa empreendedora e recursos (ver *Figura 1*).

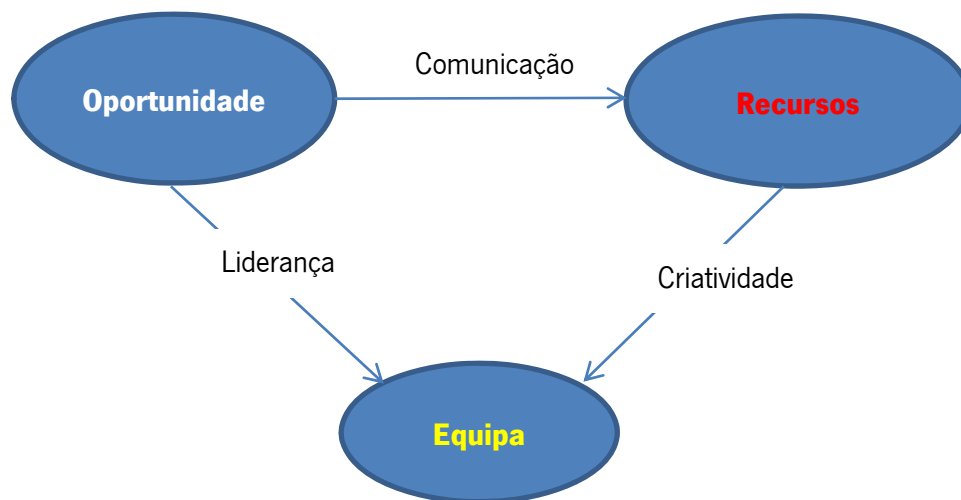


Figura 1: O processo empreendedor

Fonte: Adaptado de Timmons (1994)

O primeiro passo é avaliar a oportunidade que deve ser analisada para decidir se se deve ou não dar continuidade à ideia de negócio. No segundo passo, a equipa empreendedora deve questionar-se sobre se essa equipa está realmente capacitada para levar por diante o processo. E finalmente, saber quais os recursos necessários para o início do negócio, como e onde a equipa irá consegui-los. É importante realçar que a análise dos recursos necessários deve ser o último passo a ser executado, para evitar que a equipa empreendedora restrinja a análise da oportunidade, que é a primeira tarefa a ser realizada (Duarte & Esperança, 2012).

Hisrich *et al.* (2009) acrescentam ainda uma nova fase do processo empreendedor que é o desenvolvimento do plano de negócios. O desenvolvimento do plano de negócios envolve vários conceitos que devem ser entendidos, e que devem sintetizar toda a essência do negócio.

A preparação de um plano de negócios é a medida essencial para qualquer empresário, independentemente do tamanho do empreendimento. O plano de negócio é um instrumento fundamental requerido por todos os potenciais investidores para que possam avaliar o projeto que lhes é proposto (Ferreira, Santos & Serra, 2010). O grande desafio na criação de um negócio próprio é a conceção da ideia. A ideia pode surgir da experiência profissional do empreendedor, dos seus *hobbies*, da constatação de uma necessidade do mercado. No entanto quando for estruturar a ideia de negócio, o empreendedor deve considerar vários aspetos que vão desde a sua experiência profissional ao perfil do consumidor, passando pela oportunidade do negócio e a existência, ou não, de projetos empresariais semelhantes. Para ter uma noção de que a ideia de negócio é boa, é necessário provar através de uma análise de forma rigorosa, com base em levantamentos e estudos concretos, das reais condicionantes do mercado. Os aspetos a considerar nesta análise são: (1) a singularidade do produto/serviço; (2) o perfil do cliente-tipo; (3) a dimensão do mercado; (4) a concorrência e quotas de mercado; e (5) as potencialidades de crescimento do negócio (Duarte & Esperança, 2012).

O plano de negócio é uma fase importante para o sucesso de uma empresa. O empreendedor vai estruturar no “papel” todas as ideias que desenvolveu até ao momento e discutir as estratégias, definir prioridades, eliminar as ideias que não são relevantes para o que se pretende do negócio. O objetivo desta fase é que a equipa conceba um plano de negócios que exponha de forma realista como é que a equipa planeia transformar as suas ideias num negócio exequível, sustentável e lucrativo. Na elaboração do plano de negócios devem constar dados referentes à Análise de Mercado, Plano de Investimentos, Fontes de Financiamento, Plano de Tesouraria e Rentabilidade do Projecto. Os elementos do plano de negócio que devem ser analisados de forma mais detalhada são os seguintes: (1) Capa e Índice; (2) Introdução/ Sumário executivo; (3) Apresentação do negócio; (4) Equipa fundadora e de gestão; (5) Apresentação da empresa e respetiva estrutura; (6) Análise do meio envolvente e da indústria; (7) Plano de marketing e análise do mercado; (8) Estratégia da empresa; (9) Plano de organização e de recursos humanos; (10) Plano de produção ou de operações; (11) Plano económico-financeiro; (12) Calendário de implementação; e (13) Anexos.

O plano descreve o negócio, apresenta o seu conceito e posicionamento, estabelece as estratégias de mercado e operacionais e projeta os resultados financeiros. O seu objetivo é analisar a

viabilidade do projeto, orientar o desenvolvimento de empreendimentos e apoiar os processos de obtenção de recursos financeiros, materiais e humanos (Ferreira, Santos & Serra, 2010).

1.3 - Caraterísticas do empreendedor

Não há ninguém que nasça empreendedor. Ser empreendedor não é nem inato nem hereditário, embora haja indivíduos que têm caraterísticas particulares resultantes de combinações pessoais, de liderança, de motivação e de comportamentos, que indiciam uma vocação empreendedora (Drucker, 2006).

Quando se pretende definir qual o perfil de um empreendedor, existe alguma dificuldade, uma vez que não existe um único perfil de empreendedor capaz de incluir todas as caraterísticas de um empreendedor de sucesso. Contudo, é possível identificar algumas caraterísticas que os empreendedores bem sucedidos tipicamente partilham, nomeadamente: são visionários, sabem tomar decisões, são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados, são otimistas e apaixonados pelo que fazem, são independentes e constroem o próprio destino, assumem riscos calculados, são bem relacionados, são organizados, entre outros (Duarte & Esperança, 2012).

Há muitos estudos académicos sobre as caraterísticas dos empreendedores. De entre todas as identificadas, algumas caraterísticas que são frequentemente associadas ao perfil dos empreendedores, são as seguintes (Ferreira, Santos & Serra, 2010; Santos, 2010):

- Aceitação do risco – o empreendedor aceita riscos, mas não corre riscos demasiado altos ou desnecessários;
- Ambição – o empreendedor procura fazer sempre mais e melhor, nunca se contentando com o que já atingiu;
- Auto-confiança – o empreendedor tem auto-confiança, acredita em si mesmo;
- Auto-motivação e entusiasmo – pessoas empreendedoras são capazes de se auto motivarem através dos desafios e tarefas em que acreditam. A sua motivação é orientada para as suas ideias e projetos;

- Capacidade de trabalho em equipa – o empreendedor cria equipas, e tem capacidade de delegar porque acredita nos outros e assim, obtém resultados através dos outros indivíduos;
- Conhecimento técnico – para ser um empreendedor não é necessário ter apenas características empreendedoras; é preciso adquirir conhecimentos técnicos, na área do empreendedorismo;
- Controlo – o empreendedor acredita que a sua realização depende de si mesmo e não depende das forças externas sobre as quais sabe que não vai ter controlo. Ele reconhece que tem capacidade para se autocontrolar e para influenciar o grupo de trabalho, de forma a atingir os objetivos inicialmente definidos;
- Criatividade – à medida que a concorrência se intensifica, surge a necessidade de criar novos produtos para o mercado. Deixa de ser relevante a produção de mais produtos já existentes, é preciso que o empreendedor se projete para futuro, ao investir na criatividade, para que os negócios possam evoluir com as mudanças;
- Decisão e responsabilidade – o empreendedor não fica à espera que os outros decidam por si. Ele toma decisões e aceita a responsabilidade das decisões que tomou;
- Determinação – o empreendedor deve definir metas e consequentemente tentar atingi-las, sempre com um espírito positivo, sem se deixar abater por algo que corra mal;
- Eficiência – o que o empreendedor faz, é fazer o melhor que sabe e pode;
- Energia – é necessário mais energia para novos projetos, por que estes exigem mais esforço. O empreendedor dispõe dessa reserva de energia, provavelmente proveniente de seu entusiasmo e motivação;
- Flexibilidade – o empreendedor adapta-se às circunstâncias que o rodeiam, pois se algo corre diferente do inicialmente previsto, o empreendedor não deve desistir, mas sim alterar os seus planos de modo a atingir os seus objetivos;
- Iniciativa – o empreendedor não fica à espera que os outros (governo, empregador, familiar) venham resolver o seu problema. A iniciativa é a capacidade daquele que, tendo um problema qualquer, age, isto é, parte para a solução;
- Liderança – o empreendedor tem a capacidade de planejar um projeto e pô-lo em prática, liderando a equipa que com ele trabalha.

1.4 - Empreender: motivação e cultura

A palavra empreendedor provavelmente surgiu para descrever uma pessoa que está a tomar uma decisão arriscada, nomeadamente a criação de um novo negócio. Atualmente é corrente como definição de empreendedor, o indivíduo que tem capacidade de identificar, avaliar e explorar oportunidades de negócios, providenciar recursos necessários, e iniciar a ação apropriada para assegurar o sucesso do negócio. De acordo com Drucker (2006) o empreendedor é aquele que cria novos mercados e novos consumidores, na tentativa de satisfazer as suas novas necessidades.

A palavra motivação está relacionada com o impulso interno de um indivíduo, que o leva à ação para realizar um determinado desejo. O psicólogo americano Abraham Harold Maslow (1908 - 1970) desenvolveu uma das mais importantes obras dentro do estudo da motivação humana: a Teoria da Hierarquia das Necessidades Humanas (Chiavenato, 1995).

Um indivíduo motivado tem uma maior auto-confiança e uma postura mais segura, o que lhe permite acreditar mais nas suas competências e nas suas capacidades de ultrapassar obstáculos, de ter uma maior atenção para o desafio e de assumir riscos, a fim de atingir resultados, o que o inspira a ser um indivíduo com espírito empreendedor.

Portanto, a motivação e o empreendedorismo são dois conceitos que têm uma forte ligação, uma vez que a motivação invoca o espírito empreendedor e o empreendedorismo confere altos níveis de motivação (Ferreira, Santos & Serra, 2010).

A cultura demonstra toda a atividade humana, incluindo o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade, e é estudada, transmitida e partilhada. A cultura é dinâmica, está em constante mudança, podendo-se intencionalmente criar novos valores, crenças e formas de convivência que levam à construção de uma nova cultura numa sociedade (Srouf, 1998).

Para Dolabela (2002) os obstáculos culturais existentes na nossa sociedade tais como: fracasso como estigma, o valor negativo atribuído ao trabalho por conta própria e o baixo nível de capacitação empreendedora precisam de ser superados, por não serem favoráveis ao espírito empreendedor.

Uma vez que a cultura consolida as representações imaginárias, os símbolos, as convicções sociais e os saberes que se manifestam nas práticas quotidianas, é necessário que haja um

processo de mudança de princípios, valores e normas sociais sustentado culturalmente para que a atitude empreendedora seja proativa, e não reativa a problemas socioeconómicos e aos desafios sociais. É importante conhecer os elementos capazes de facilitar ou dificultar uma ação educacional voltada para o empreendedorismo para provocar uma transformação cultural das sociedades e dos indivíduos.

1.5 - A importância da educação para a promoção do empreendedorismo

Os decisores políticos acreditam que níveis mais elevados de empreendedorismo podem ser alcançados através da educação e, especialmente, através da educação para o empreendedorismo. Curteis (1997), Dolabela (2002) e Sarkar (2010) afirmam que o crescimento da capacidade empreendedora de um país depende da educação e do conhecimento cultural do empreendedorismo por parte de todos os cidadãos e que o empreendedorismo se desenvolve como um fenómeno cultural ligado ao desenvolvimento da educação. Vários autores, como Raijman (2001) e Askun e Yildirim (2011) defendem que a educação fornece as competências gerais, a formação e o conhecimento, que facilita o acesso ao mundo dos negócios, uma vez que permite aos indivíduos avaliar a extensão do mercado de trabalho, o tipo de bens ou serviços que são procurados pelos clientes e ainda, organizar o negócio. Para Carayannis *et al.* (2003) não há dúvida de que a educação para o empreendedorismo procura construir conhecimentos e competências, e também aumentar a probabilidade de sucesso empresarial. Além disso, Souitaris, Zerbinati e Al-Lahan (2007) e von Graevenitz, Harhoff e Weber (2010) acrescentam que o ensino do empreendedorismo aumenta a intenção de iniciar um novo negócio.

Os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento não podem subsistir sem uma considerável população de empreendedores, dispostos a correr riscos, implantar novos negócios, adotar novas tecnologias e competir, criando empregos e fomentando o crescimento das suas economias. Neste contexto, é importante notar que a educação é o único instrumento que deve ser aproveitado para desenvolver o conhecimento sobre empreendedorismo de todos os cidadãos. Uma vez que a educação para o empreendedorismo é um meio fundamental de materializar o espírito empreendedor dos indivíduos e sensibilizá-los para o facto de que o insucesso empresarial é o ponto de partida para um novo começo (CCE, 2007). O empreendedorismo é uma competência

essencial para todos, uma vez que ajuda os jovens a serem mais criativos e auto-confiantes em qualquer atividade que realizem e a agirem de forma socialmente responsável (CCE, 2006).

Para obter conhecimento em empreendedorismo, os sistemas educativos devem assegurar uma educação eficaz e adaptada, numa perspetiva de ciclo de vida, estimulando as potencialidades individuais de criatividade e autonomia e evitando um desfasamento em relação ao mercado de trabalho. A educação é fundamental para a entrada dos jovens e dos cidadãos no mercado de trabalho e para a boa integração e participação na sociedade. Porém, muitos jovens abandonam o sistema educativo sem terem adquirido as aptidões necessárias a uma transição suave para o emprego (CCE, 2007).

A implementação do empreendedorismo no ensino primário, secundário e superior deveria proporcionar uma melhor base para a aquisição de competências e de capacidades para ser possível desenvolver mais tarde a autonomia e o espírito empreendedor. Uma educação formal aprofundada e de boa qualidade abrirá desde logo o caminho a uma formação especializada que tornará esse espírito mais eficaz (JOUE, 2006; CCE, 2008).

Para este fim, a Comissão Europeia propôs um novo Método Aberto de Coordenação (MAC) no domínio da educação centrado nos seguintes problemas estratégicos a longo prazo: Aprendizagem ao Longo da Vida e Mobilidade, Qualidade e Eficácia, Igualdade e Cidadania, Inovação e Criatividade, bem como uma nova abordagem para adequar as necessidades do mercado de trabalho e as competências no século XXI (CCE, 2009).

A promoção do empreendedorismo, em qualquer país, é fundamental, tendo em vista o apoio à criação de microempresas e/ou de pequenas e médias empresas inovadoras, que permitirão a renovação do tecido empresarial, económico e social (OCDE, 2009a). Neste sentido, é indispensável promover o papel das escolas, nomeadamente das universidades, na sua função de educarem e prepararem os jovens para o futuro, dotando-os de uma atitude empreendedora, que lhes permita ter assim ferramentas para atingir o sucesso aquando do seu ingresso no mercado de trabalho (Sarkar, 2010).

Da mesma forma, é importante que o educador aja como entidade conhecedora do mundo empresarial, em substituição ou representação dos objetivos das entidades oficiais, no sentido de

promover políticas de apoio ao empreendedorismo genérico ou direcionado a grupos ou géneros com dificuldades particulares.

Desse modo, torna-se fundamental a organização de atividades de formação destinadas a jovens com formação técnica, a quadros técnicos no emprego, e a outros potenciais criadores de empresas inovadoras. Estas atividades de formação têm como objetivo informar sobre as ferramentas que estão ao seu dispor, das diferentes soluções jurídico-fiscais disponíveis para a iniciativa que vão intentar, alertando-os para os obstáculos genéricos e inculcando-lhes uma atitude que lhes permita vencer os obstáculos particulares. Os serviços de apoio e aconselhamento, no que se refere a recursos financeiros e humanos, e mercado, também são fundamentais, porque aumentam a taxa de sucesso dos projectos promovidos pelos empreendedores. E ainda a promoção de sinergias com outros empreendedores mais experientes, que poderão assim mutuamente beneficiar de diferentes pontos de vista sobre o meio que os rodeia. Resumindo, todas estas atividades permitirão o apoio à alteração de atitudes, lançando o desafio, a todos quantos têm capacidade empreendedora ou de liderança, de aceitar o risco, e lançar-se no mundo empresarial de maneira a criar riqueza para si e para os outros (Sarkar, 2010).

Contudo, é importante não esquecer de evidenciar o mérito de todos aqueles que arrisquem, principalmente dos que alcançam os objetivos que definem o sucesso, mas também não recriminar os indivíduos, que apesar de não terem atingido o sucesso, ousaram arriscar. Torna-se assim importante apoiar todos os que pretendem ser empreendedores, dotando-os dos conhecimentos técnicos e das ferramentas necessárias para atingir o sucesso tão desejado (Sarkar, 2010).

1.6. Conclusão do Capítulo 1

Atualmente, o empreendedorismo surge como um ponto importante da agenda estratégica e política de muitos países, com a iniciativa de criação do próprio emprego a evidenciar um efeito positivo no desenvolvimento das respetivas economias. É indispensável realçar o papel das escolas, nomeadamente das universidades, na sua função de educação e preparação dos jovens dotando-os de uma atitude empreendedora que lhes permita ter sucesso na criação do seu próprio emprego. Dadas as limitações existentes em Timor-Leste de emprego, é necessário reconhecer esta atitude individual e promover esta nova dinâmica de criação de emprego.

O Governo de Timor-Leste tem definido um conjunto de medidas para o desenvolvimento do sector privado em Timor-Leste. O próximo capítulo pretende dar uma breve explicação sobre essas iniciativas.

Capítulo 2 - O Sector Privado em Timor-Leste

Este capítulo apresenta um breve resumo caracterizador do sector privado em Timor-Leste, com base no trabalho de Cabral (2012), e identifica as principais iniciativas do Governo de Timor-Leste para o desenvolvimento do sector.

2.1. A importância do sector privado

Timor-Leste é um pequeno país, com uma população muito jovem, em que mais de metade da população tem menos de 19 anos (DNE, 2012); e apresenta um elevado ritmo de crescimento económico: o Produto Nacional Bruto (PNB) *per capita* aumentou em 228% durante o período de 2005 a 2010 (UNDP, 2011).

Apesar de um passado cheio de conflitos, Timor-Leste regista ainda hoje baixos níveis de desenvolvimento humano, vivendo cerca de 75% da população em áreas rurais, em economia de subsistência, com reduzido acesso a electricidade, água potável e saneamento básico. No entanto, nos últimos anos, Timor-Leste alcançou níveis de estabilidade política e social suficientemente elevados para poder tirar partido da exploração dos recursos naturais e iniciar um rápido desenvolvimento económico e social.

Em qualquer país no mundo, seja um país desenvolvido ou em desenvolvimento, o sector privado é fundamental para o crescimento económico e prosperidade de um povo. Por isso o sector privado desempenha um papel importante na criação de emprego e riqueza, oferta de bens e serviços, e contribui até para a resolução de problemas sociais, o aumento da receita do governo, tendo um lugar fundamental na formação e desenvolvimento de mercado. Sendo assim, a sustentabilidade futura da economia de Timor-Leste depende da construção de um sector privado consistente, pelo que o Governo Timorense dará prioridade à construção de um ambiente empresarial e de investimento que apoie o arranque e o crescimento das empresas (RDTL, 2010).

2.2. A iniciativa privada em Timor-Leste

A iniciativa privada em Timor-Leste foi recentemente caracterizada por Cabral (2012). Segundo o autor, atualmente, a economia do sector privado de Timor-Leste só cria cerca de 400 novos empregos formais por ano, sendo que o número de jovens, que ingressam no mercado de trabalho a cada ano, está entre os 12 000 e os 15 000. Esta disparidade está a fazer subir ainda mais o

desemprego em geral, sendo que 23% da mão de obra em Dili, está desempregada e cerca de 40% das pessoas nas zonas rurais, não têm emprego. Logo, um sector privado pujante nas zonas rurais será necessário, para fomentar o desenvolvimento rural de Timor-Leste (Cabral, 2012; RDTL, 2010b).

A análise de Cabral (2012) refere a existência de algum investimento privado em pequenas e médias empresas (PMEs), em sectores essenciais, o que sugere um sector de iniciativa privada emergente. “*Em Timor-Leste através de ajuda das Organizações Não Governamentais (ONG) e da Comunidade Internacional começaram a aparecer algumas indústrias, de pequena dimensão, nos vários distritos do país. Inicialmente, a sua atividade reduzia-se ao fabrico de panos de algodão (como por exemplo as tais e os saraus), esteiras e artefatos de palha, açúcar e aguardente para uso indígena. Já nas indústrias extrativas a atividade incluía a safra do sal, a extração de minérios, realizada pelos próprios indígenas e para seu uso pessoal (cobre em Bibicussu, ferro em Laleia e o ouro (quartzo aurífero) em Orlaquiri, Tubuloso e Turiscain). Contudo, a inexistência de infraestruturas de comunicação, não permitia o acesso a mercados como a Austrália, apesar da sua proximidade*” (Cabral, 2012, p. 59).

2.3. Os sectores de atividade económica

Cabral (2012) identifica vários sectores de atividade económica de iniciativa privada existentes em Timor-Leste. A *Figura 2*, a seguir apresentada, elucida acerca da distribuição das atividades de iniciativa privada registadas nos diferentes distritos.

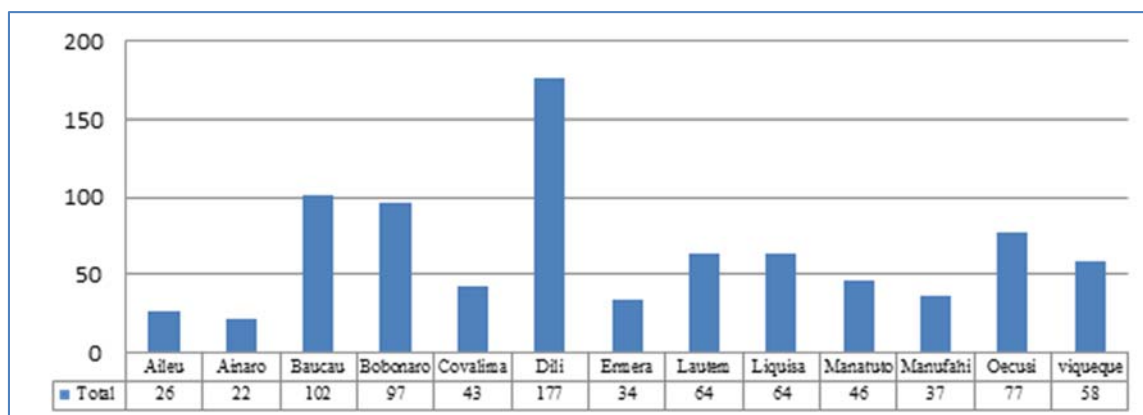


Figura 2: Total de atividades de iniciativa privada registadas, por distrito, em Timor-Leste (Fonte: Cabral (2012))

Cabral (2012) constata que as atividades económicas de iniciativa privada concentram-se nos distritos de Díli, Baucau e Bobonaro. Os distritos com menor número de atividades são Aileu, Ainaro e Ermera. O tecido industrial de Timor-Leste é caracterizado pela existência de pequenas empresas, exclusivamente orientadas para o mercado interno. Alguns exemplos: artesanato local sobretudo na área da tecelagem, trabalhos artísticos em madeira, serrações, cerâmica, pequenas unidades fabris para o descasque do arroz e para o tratamento do café e indústrias extrativas, como é o caso da extração tradicional do sal. É interessante a diversidade de atividades de iniciativa privada desenvolvidas em Timor-Leste. O *Quadro 1* a seguir, apresenta um resumo das atividades mais relevantes identificadas por Cabral (2012).

Quadro 1: Atividades económicas de iniciativa privada em Timor-Leste (Fonte: Cabral (2012))

Atividades económicas		
Medicina tradicional	Produção de vinho de palma	Gravação
Moagem de milho	Produção de aguardente	Serração
Moagem de café	Produção de óleo de coco	Trabalho do ferro
Preparação de arroz	Produção de óleo de avelã	Trabalho do vime
Padaria	Secagem de peixe	Oficina de automóveis
Produção de biscoitos	Produção de sal	Barbearia/cabeleireiro
Bambu	Tecelagem	Fotografia
Produção de Blocos de cimento	Artesanato	Centro de cópias
Carpintaria	Alfaiataria	Costura

O registo de empresas tem aumentado de forma gradual, passando-se de 171 em 2007 para 1 799 em 2009. A nível do registo de microempresas (empresas com menos de 10 trabalhadores) passou das 1 212 registadas em 2007 para as 5 232 em 2009 (Cabral, 2012; RDTL, 2010b).

No que se refere ao capital investido em cada distrito (ver *Figura 3*), os distritos com maior investimento em 2011 foram Díli, Baucau e Bobonaro. Juntos representaram 64.29% do investimento total registado em Timor-Leste de 2 285 939.30 USD.

Relativamente ao rendimento (ver *Figura 3*), os distritos que em 2011 apresentaram maior rendimento foram igualmente Dili, Bobonaro e Baucau. Juntos representaram 72.20% do rendimento real registado em Timor-Leste de 15 947 838.10 USD.

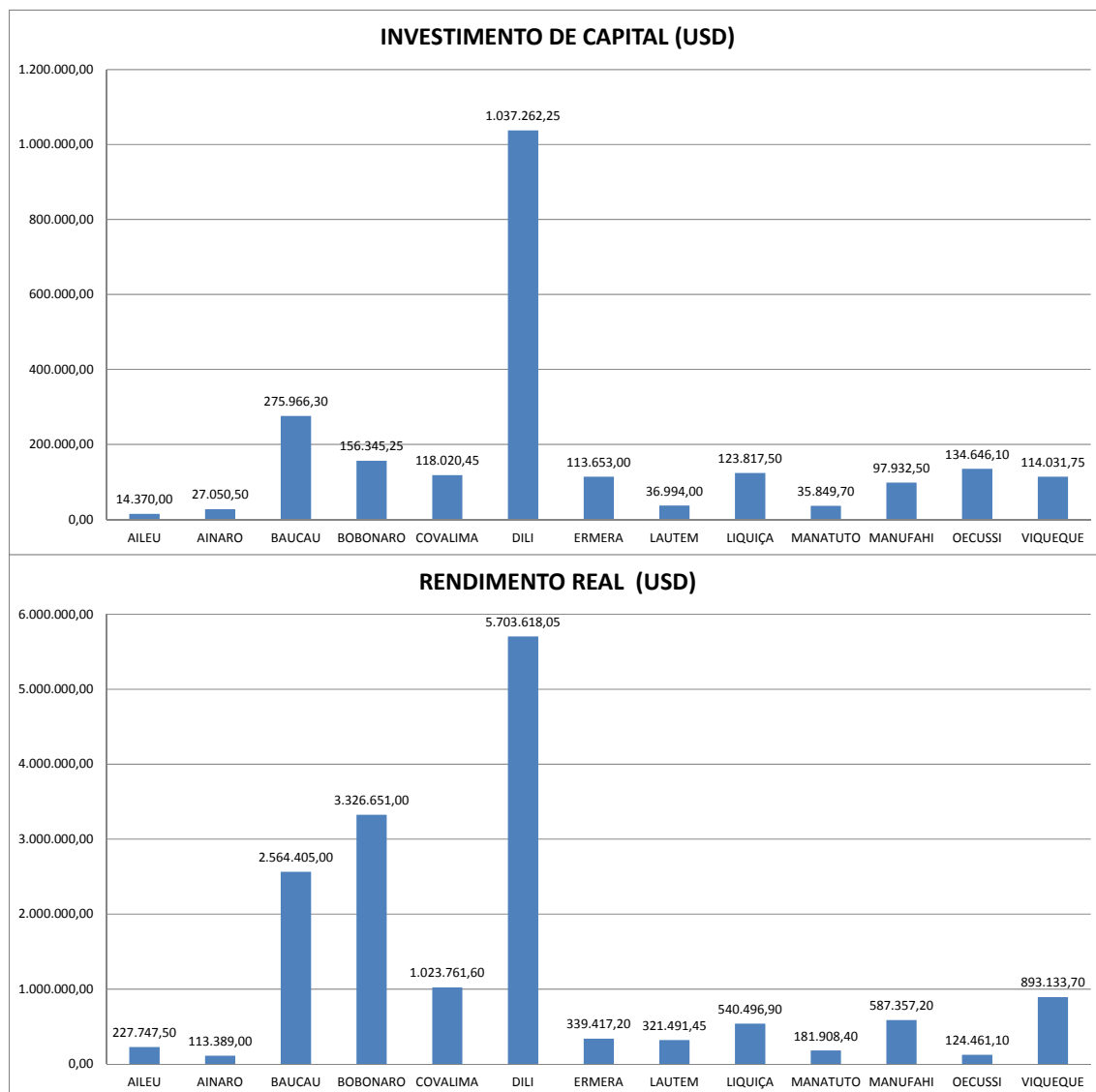


Figura 3: Investimento e Rendimento de Iniciativa privada em Timor-Leste (Fonte: Cabral (2012))

Ao analisar o investimento realizado nos principais distritos (ver *Figura 4*) Cabral (2012) verifica que o distrito de Dili tem maior representatividade de oficinas automóveis (35%) e de carpintarias (23%). Em Baucau a maior representatividade de investimento é de carpintaria (26%) e em blocos de cimento (17%), seguida de produção de óleo de avelã e de outras (ambos com 16%). Em Bobonaro o investimento foi essencialmente realizado em atividades relacionadas com blocos de cimentos (65%).

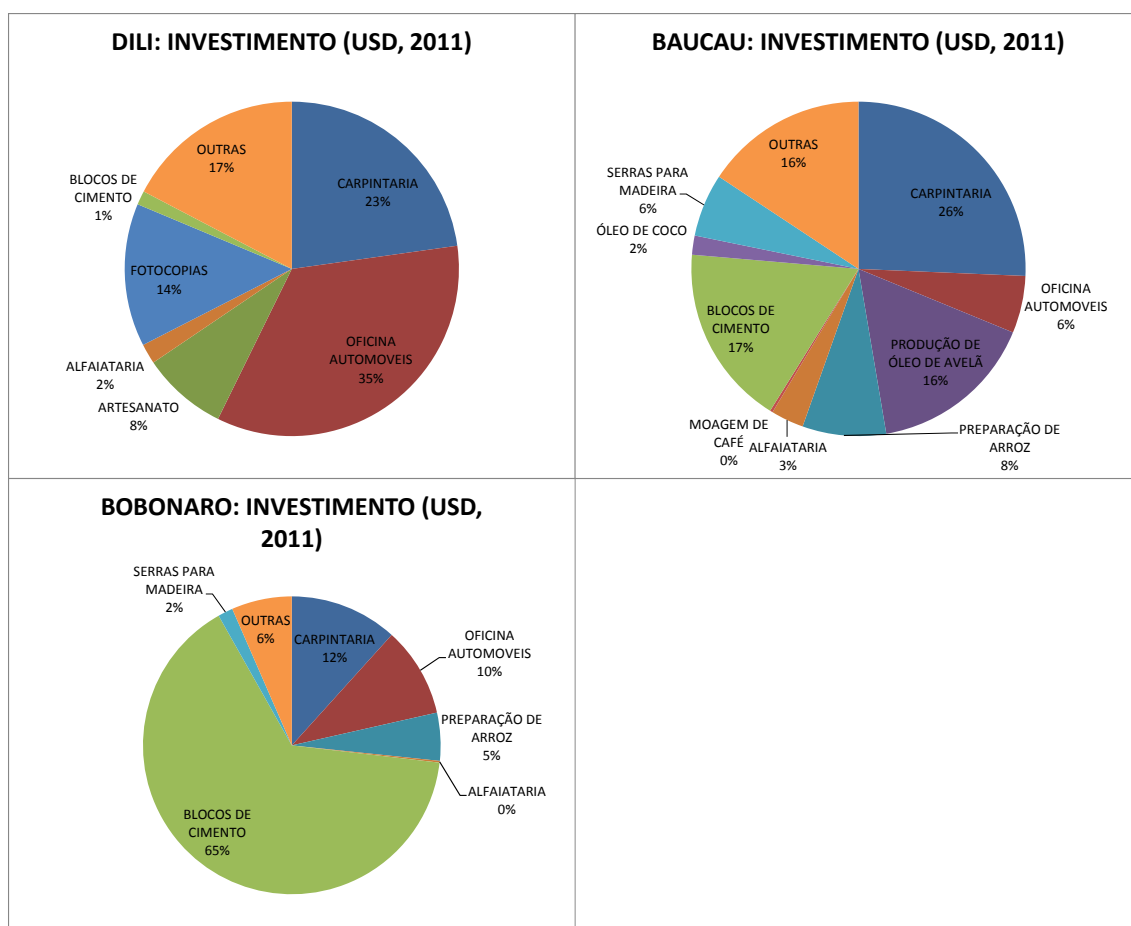


Figura 4: Total do capital investido nos distritos de Díli, Baucau e Bobonaro (Fonte: Cabral (2012))

Ao analisar o rendimento nos três principais distritos de Timor-Leste (ver *Figura 5*), Cabral (2012) verifica que em Díli, a carpintaria representa 55% do rendimento. Situação similar existe em Baucau com a carpintaria a representar 72% do rendimento. Por sua vez em Bobonaro, a carpintaria domina o rendimento (40%), seguida de vinho de palma (25%).

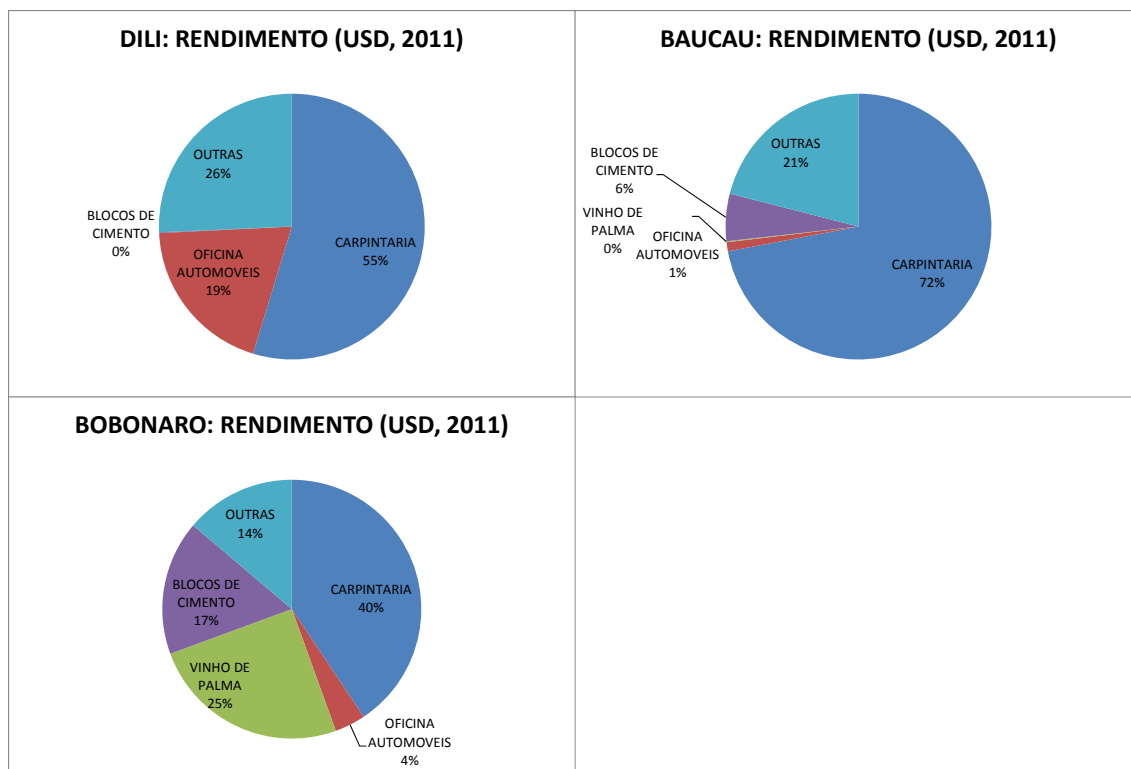


Figura 5: Total do Rendimento nos distritos de Díli, Baucau e Bobonaro (Fonte: Cabral (2012))

2.4. Reformas necessárias e previstas

O crescimento económico é o pano de fundo ideal onde os sectores privados podem prosperar e consolidar a sua presença. No entanto, o crescimento económico só pode existir numa combinação de diversos fatores, inclusive políticos e sociais. Sociedades com governos democráticos, instituições sociais justas, alto nível educacional, habitacional e de saúde, aliados a baixos índices de criminalidade, são mais estáveis e produtivas, criando maiores condições para o desenvolvimento económico.

Por todas estas razões o Governo Timor-Leste através do seu Programa Estratégico de Desenvolvimento (PED) de 2011-2030 apontou como áreas fundamentais as seguintes: Capital Social, Desenvolvimento de Infraestruturas e Desenvolvimento Económico. O Governo timorense considerou o sector privado como parceiro do desenvolvimento, por isso tem encorajado o sector privado através do «Pacote Referendo» para acelerar o crescimento deste sector em áreas rurais. Este pacote tem motivado parcerias estratégicas entre o sector privado e o governo em áreas urbanas e rurais na construção de mais de 800 projetos de infraestruturas de pequena e média dimensão (RDTL, 2010).

De maneira a consolidar o «Pacote Referendo», estabeleceu-se em 2010 o Programa de Desenvolvimento Descentralizado (PDD), cujo objetivo foi encorajar a atividade do sector privado nos distritos, de modo a promover o desenvolvimento equitativo em todo o país. Este programa inclui duas componentes: o PDD I que se destina a projetos com um valor orçamental máximo de 150.000 dólares, e o PDD II que visa projetos com um orçamento máximo entre os 150.000 e os 500.000 dólares. Ainda para capacitar o sector privado, o Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial (IADE) estabeleceu Centros de Desenvolvimento de Empresas em Baucau, Díli, Maliana, Maubisse e Oecusse Ambeno, estando previsto que estes centros do IADE sejam alargados a todos os distritos. Estes centros têm como missão dar formação na identificação, criação, melhoria e expansão de empresas. O sector privado será ainda, apoiado pela Câmara de Comércio e Indústria de Timor-Leste, a qual prestará aconselhamento a empresas sobre todas as áreas de negócio em Timor-Leste. A Câmara fornecerá igualmente formação para melhorar as competências dos recursos humanos no sector privado (RDTL, 2010).

Também faz parte do programa do Governo de Timor-Leste a criação da Companhia de Investimento de Timor-Leste, que ocorreu em 2010, para ajudar no desenvolvimento de novas indústrias, criar uma base de qualificações domésticas, alargar a base da economia e diminuir a dependência de importações. A instituição referida terá como objetivo apoiar no desenvolvimento de oportunidades de investimento (ver Apêndice I) e ajudar a concretizar projetos estratégicos importantes e com incidência comercial. Irá apoiar a transição de Timor-Leste de uma economia petrolífera para uma economia não-petrolífera, através da promoção de investimento em sectores da economia nacional, que são vitais para o crescimento económico e para o consequente desenvolvimento do país (RDTL, 2010).

O desenvolvimento económico de Timor-Leste está dependente da criação de emprego e rendimento para o povo timorense. Neste sentido o Governo precisa de atrair investidores para os principais sectores industriais, estabelecer relações com empresas internacionais para construir as infraestruturas necessárias, apoiar as empresas locais e promover a criação de novas empresas. Para tal é necessário estabelecer orientações de política económica, para suportar o crescimento e desenvolvimento futuros da economia nacional e garantir que todos os cidadãos beneficiam deste desenvolvimento. Estas orientações incluíram reformas para melhorar o ambiente empresarial e estabelecer uma nova lei de investimento, um melhor acesso a

microfinanças e a criação de um Banco de Desenvolvimento Nacional, com vista à criação de um balcão único para empresas, assim mais eficiente e efetivo para o investidor (RDTL, 2010).

O desenvolvimento de um sector privado diversificado e o estabelecimento de novas empresas e indústrias são essenciais para a criação de empregos para o povo timorense e para permitir fazer a transição para uma economia não-petrolífera. As áreas, que requerem melhoria, incluem o cumprimento dos contratos, o registo de propriedades, a regularização da posse e a resolução de disputas. As reformas basear-se-ão na uniformização dos procedimentos aduaneiros. Outro aspeto importante a ter em conta é a uniformização dos requisitos e processos de registo de empresas, fazendo com que seja mais fácil e mais rápido a criação de uma empresa.

Refira-se a importância de se criar um sector privado forte, que atualmente não existe, mas que poderá existir, se as condições permitirem e se grande parte do mercado informal, com um forte peso na economia, passar por uma reforma (RDTL, 2010).

Neste sentido, estão a ser consideradas pelo Governo timorense três propostas de lei para lidar com alguns dos principais obstáculos ao investimento, nomeadamente:

- Código Civil para lidar com a aplicação de contratos;
- Lei sobre Terras para garantir a propriedade de terrenos para efeitos de hipoteca ou outros;
- Lei Laboral para definir relações laborais e proteger empregadores e empregados.

A implementação do Código Civil, Lei sobre Terras e Lei Laboral serão passos importantes. Apesar dos esforços necessários para a implementação destas leis, elas farão uma enorme diferença no ambiente empresarial. O Código Civil assegurará a aplicação dos contratos, dando confiança e segurança a investidores nacionais e internacionais. As propriedades serão usadas como garantia para aceder a créditos e a certeza sobre os direitos de posse permitirão desenvolvimentos seguros, o que será possível graças à Lei sobre Terras, e a Lei Laboral dará certeza e previsibilidade às relações entre empregados e empregadores (RDTL, 2010, 2012).

2.5. Efeitos esperados

O Governo timorense considera o sector privado como um parceiro para o desenvolvimento económico do país, por isso criou em 2010 a Câmara de Comércio e Indústria de Timor-Leste, a qual prestará aconselhamento a empresas sobre todas as áreas de negócio em Timor-Leste. Esta instituição fornecerá igualmente formação para melhorar as competências dos recursos humanos no sector privado.

Em Timor-Leste existem três bancos comerciais estrangeiros (australiano, português e indonésio), que recebem depósitos e prestam serviços de câmbio externo e de transferências internacionais. Estes bancos oferecem serviços limitados, por isso o governo decidiu a criação de mais um banco, o Banco de Desenvolvimento Nacional, a funcionar desde 2010. Este banco irá apoiar a construção de infraestruturas no país, permitirá às empresas timorenses crescer e a contratação de mão de obra, que terá implicações na criação de emprego.

O Governo precisa de diversificar a sua economia e estabelecer novas empresas e indústrias. Uma economia diversificada é uma economia mais forte, com oportunidades amplas de investimento e emprego. A maior parte das empresas governamentais de investimento começam com um capital de investimento de cerca de 200 a 500 milhões de dólares, capital este que é necessário para apoiar a diversificação das indústrias e para investir em grandes projetos de infraestruturas. As empresas governamentais de investimento têm sido usadas com sucesso em outros países, para criar bases de qualificações locais, estabelecer indústrias e apoiar o sector financeiro.

As reformas, para o estabelecimento de um 'balcão único,' continuarão para que os empresários possam ter um ponto fácil de acesso à administração pública. Será também melhorada a plataforma de "governo electrónico", permitindo assim uma alternativa eficiente para interagir com a administração pública. Estas iniciativas, juntamente com a criação da Câmara de Comércio e Indústria de Timor-Leste, estabelecerão alicerces sólidos para o desenvolvimento de um sector privado forte.

2.6. Estabelecimento de Zonas Económicas Especiais

Em Timor-Leste, houve muito pouco planeamento sobre as vantagens comparativas, de cada região do país, ao acesso a mercados e a infraestruturas. De maneira a apoiar o desenvolvimento

económico, o governo suporta o estabelecimento de Zonas Económicas Especiais, o que envolve a criação de um novo conjunto de leis e normas empresariais, abrangendo uma zona geográfica definida, para atrair as empresas estrangeiras que queiram investir no país.

Os estímulos sempre utilizados para estas zonas, para atrair investimento, incluem incentivos fiscais e redução ou eliminação de direitos aduaneiros ou de importação, bem como normas empresariais fáceis e claras e certezas em torno da posse de terrenos. As Zonas Económicas Especiais, orientadas para atrair o investimento externo, são comuns em todo o mundo, tendo sido estabelecidas na China, Índia, Angola, Brasil e Malásia, bem como em muitos outros países, com objetivo de aumentar a capacidade de competição na região em causa e estimular o desenvolvimento do país.

Ressalve-se que a criação de um ambiente regulador e fiscal mais correto, bem como a alocação de terrenos para a construção de instalações e edifícios, mediante um acordo de arrendamento a longo prazo, facilita que estas zonas se possam tornar em centros de crescimento económico rápido. As leis claras, para estas zonas, incluem leis sobre negócios, investimento, emprego, terras, falências, saúde e segurança no trabalho, protecção ambiental, tributação e alfândegas.

Portanto, o Governo suporta a criação de Zonas Económicas Especiais para conquistar rapidamente investimento externo e empresas internacionais. Quer as empresas nacionais como as internacionais serão encorajadas a estabelecer-se dentro de uma zona, o que impulsionará o desenvolvimento, competitividade e o próprio empresariado nacional.

É expectável como resultados da criação de Zonas Económicas Especiais, o seguinte:

- Promoção do desenvolvimento do sector da indústria e dos serviços, sobretudo em sectores visados;
- Criação de emprego e geração de rendimentos nacionais;
- Crescimento das indústrias de exportação;
- Criação de oportunidades para empresas internacionais;
- Melhoria das infraestruturas nacionais;
- Teste da aplicação de novas políticas ou leis como modelo para o desenvolvimento e reforma económica a nível nacional.

As áreas ou indústrias a considerar, para a classificação como Zonas Económicas Especiais, são as seguintes:

- Áreas circundantes dos aeroportos e portos marítimos, as quais se podem tornar centros logísticos, comerciais ou de produção;
- Zonas da costa sul que podem vir a ser uma Zona Económica Especial Petroquímica;
- A capital Díli, que se pode tornar numa zona franca financeira, podendo atrair a indústria financeira, incluindo bancos, seguradoras e empresas especializadas.

2.7. Iniciativas do Governo para o sector privado nas zonas rurais

Uma grande parte da população de Timor-Leste (cerca de 75%) vive em áreas rurais. Por isso o desenvolvimento da área rural é prioritário para o Governo de Timor-Leste. A nível nacional, a população está a crescer a um ritmo de 3,2%. Se este ritmo se mantiver, a população de Timor-Leste aumentará para o dobro em 17 anos (DNE, 2012).

O Governo pretende criar as condições para garantir a criação de emprego para os jovens nas áreas rurais, bem como nas, cada vez maiores, áreas urbanas, e ajudar a garantir a segurança alimentar, e a reduzir a pobreza. O desenvolvimento rural é apoiado pelo plano global para desenvolver a economia de Timor-Leste, baseado em três indústrias importantes: a agricultura, o turismo e o petróleo. No entanto, é também apoiado por várias iniciativas políticas específicas, que estão orientadas para o crescimento do sector privado em áreas rurais.

O desenvolvimento rural disseminado e sustentável não será possível, sem um significativo apoio e contínuo de outros sectores, em especial dos transportes e estradas, água e saneamento, electricidade, saúde e educação. A rapidez do progresso no desenvolvimento rural estará ligada directamente à velocidade a que se consegue reabilitar e melhorar as infraestruturas do país. Em termos de desenvolvimento rural geral em Timor-Leste, o sector privado tem potencial para vir a ter um papel de importância vital na erradicação da pobreza extrema. É por esta razão que o Governo timorense irá apoiar as iniciativas, que providenciem uma base económica viável para o desenvolvimento rural. Isto incluirá o encorajamento da diversificação em novas atividades económicas, bem como a melhoria da eficiência das atividades actuais.

Para lá das reformas a nível nacional, com o intuito de encorajar o sector privado, tais como uma nova lei de investimento, o estabelecimento de um 'balcão único' para empresas e a Câmara de Comércio e Indústria de Timor-Leste, o Governo pretende apoiar ou criar as seguintes iniciativas para encorajar o crescimento do sector privado em áreas rurais.

Banco de Desenvolvimento Nacional

O desenvolvimento do sector privado timorense está condicionado pelo acesso difícil ou inexistente ao crédito e ao financiamento a longo prazo a taxas acessíveis. Para acelerar o crescimento económico e o desenvolvimento do sector privado é necessário o acesso a financiamento, uma vez que as empresas precisam de crédito para investir, para se expandirem, para comprarem bens e equipamentos e para melhorarem as suas instalações. Contudo, os bancos existentes prestam serviços limitados fora de Díli e, além disso, só asseguram um mínimo de empréstimos comerciais. O que resultou numa procura significativa, mas não respondida, por financiamento a longo prazo a taxas acessíveis. De maneira a atender às necessidades sentidas pelo sector privado, o governo criou, em 2010, o Banco de Desenvolvimento Nacional para conceder empréstimos a longo prazo ao sector privado. Este banco permite às empresas timorenses contratar mão-de-obra e construir as infraestruturas necessárias, *i.e.* dar apoio às empresas timorenses para crescer, criar emprego e construir as infraestruturas económicas do país. O governo garantirá que este Banco se desenvolva com competência para que possa ter um papel importante no crescimento da economia.

Transformação da Instituição de Micro-Finanças de Timor-Leste em Banco Nacional de Comércio de Timor-Leste

O acesso ao crédito é um problema para pequenos empresários e particulares em Timor-Leste, que vivem em áreas urbanas e rurais. A falta de crédito impede a expansão de pequenas empresas, limita a capacidade dos cidadãos para criar empresas e inibe o crescimento da economia.

A Instituição de Micro-Finanças de Timor-Leste, pertencente ao governo, foi criada em 2002 e fornece pequenos empréstimos, sendo que a maioria é garantida por salários do sector público. Contudo é desejável, por parte do Governo timorense, que a Instituição de Micro-Finanças de Timor-Leste se transforme num banco comercial, verdadeiramente timorense, *i.e.* que preste

serviços financeiros ao povo timorense em todo o país. Esta instituição foi alargada de modo a tornar-se um pequeno banco comercial que sirva o povo timorense, ao prestar serviços bancários e conceder crédito, quer a particulares, quer a micro, pequenas e médias empresas, promovendo o desenvolvimento urbano e rural (RDTL, 2010).

O Governo transformou a Instituição de Micro-Finanças de Timor-Leste para Banco Nacional de Comércio de Timor-Leste com objetivo de facilitar o acesso ao crédito pelos empresários de micro, pequenas e médias empresas, bem como a particulares. O Banco Nacional de Comércio de Timor-Leste já tem agências em cada Distrito e chega aos Subdistritos através de veículos de banca móvel. O Governo ainda apoia e continuará a apoiar o Banco e o seu alargamento, para poder servir toda a população, na prestação de serviços bancários e de crédito, e promover o desenvolvimento urbano e rural.

Cooperação entre o Sector Público e o Privado

No sentido de incentivar o crescimento económico e diversificar a atividade económica será necessário a cooperação entre o sector público e o sector privado. As Parcerias Público-Privadas podem ser mecanismos efetivos para financiar e construir projetos de infraestruturas de grande dimensão. O Governo fará uso do Decreto-Lei existente e desenvolverá processos para a identificação, avaliação e construção de infraestruturas através de Parcerias Público-Privadas. Este trabalho incluirá a criação de capacidade interna para negociar, supervisionar e gerir as Parcerias Público-Privadas.

Petróleo

O sector petrolífero será o pilar fundamental do desenvolvimento futuro de Timor-Leste, pois é essencial não só para o crescimento económico, mas também para o progresso do país enquanto nação bem-sucedida e estável. Contudo, é importante não descurar, que à medida que o sector petrolífero é desenvolvido, é necessário assegurar que a riqueza dos recursos naturais de Timor-Leste é usada para construir o país e melhorar as condições de vida do povo timorense. Atualmente, Timor-Leste ainda tem falta de infraestruturas vitais, de indústrias de apoio e de recursos humanos, para operar e administrar o sector petrolífero. A falta de investimentos nestas áreas faz com que se estejam a desperdiçar grandes oportunidades no país (OCDE, 2009b).

No entanto é pretensão do governo trabalhar com o objetivo de assegurar estas oportunidades e desenvolver a indústria petrolífera, de modo a que esta ofereça alicerces sólidos para a transformação estrutural da economia de Timor-Leste, tornando-se uma economia assente em indústrias petrolíferas, de transformação, de exportação e de serviços bem-sucedidas, com um sector privado maduro e em crescimento.

Com o intuito do aproveitamento futuro do petróleo e gás, o Governo timorense criou recentemente a Companhia Nacional de Petróleo de Timor-Leste, a TIMOR GAP, E.P.. Esta companhia irá liderar o desenvolvimento da indústria através da participação, responsabilidade e investimento no sector petrolífero. Permitirá a Timor-Leste ter uma participação direta e beneficiar da expansão do sector. A TIMOR GAP E.P. estará empenhada na criação dos recursos humanos e de conhecimentos especializados sobre questões petrolíferas, de modo a permitir a responsabilidade e participação por parte de Timor-Leste, i.e. garantir as qualificações e experiência de que os timorenses necessitam, para liderar e gerir o desenvolvimento da indústria petrolífera (RDTL, 2012).

Para dar resposta aos desafios com que se depara o país, o Governo propõe as seguintes medidas:

- As receitas petrolíferas continuarão a ser totalmente transparentes e a ser utilizadas para apoiar o desenvolvimento social e económico do país;
- A indústria petrolífera será desenvolvida de modo a permitir a participação máxima de cidadãos e empresas timorenses;
- Os recursos humanos necessários para a operação da indústria petrolífera serão melhorados e desenvolvidos;
- A costa sul será desenvolvida para apoiar a expansão da indústria petrolífera nacional, incluindo o estabelecimento de infraestruturas essenciais.

O sector petrolífero é a maior fonte de receitas do Orçamento Geral do Estado. Timor-Leste está plenamente empenhado em que os rendimentos dos recursos petrolíferos sejam totalmente transparentes, para que todos possam ver os retornos financeiros, a movimentação dos fundos públicos e o retorno dos investimentos do fundo petrolífero. Este compromisso será demonstrado através de uma adesão rigorosa e continuada a mecanismos internacionais de transparência tais como a Iniciativa para a Transparência nas Indústrias Extrativas (ITIE).

O Governo pretende também trabalhar com o intuito de garantir que os timorenses beneficiem não só das receitas dos recursos petrolíferos, como também de o máximo de emprego e participação administrativa na indústria petrolífera. Só desta forma se poderá aumentar os ganhos para a população, para lá da simples venda de petróleo e gás.

A fim de possibilitar a participação plena do povo timorense na construção da indústria petrolífera, o Governo iniciou um programa extenso e continuado de desenvolvimento de recursos humanos. Este programa incluirá a formação dos timorenses em áreas vitais como a geologia, a engenharia química e petrolífera, as finanças do petróleo e a gestão de projetos. Esta formação será feita através de bolsas de estudo em instituições internacionais de ensino superior reputadas, de oportunidades de desenvolvimento profissional da função pública, dentro e fora de Timor-Leste, do destacamento de pessoal junto de empresas internacionais de petróleo e gás e da criação de um centro de formação em operações de petróleo e gás, numa Escola Politécnica a ser construída em Suai. Um aspeto importante a mencionar é que grande parte deste programa, incluindo bolsas de estudo internacionais e nacionais, está a ser financiada pelo Fundo de Capital Humano e irá garantir que Timor-Leste possua elementos com as qualificações e experiência necessárias para liderar e gerir o desenvolvimento da indústria petrolífera (RDTL, 2012).

2.8. Conclusão do Capítulo 2

O sector privado em Timor-Leste apresenta duas grandes áreas de interesse: a agricultura e a indústria. Ambas são identificadas como importantes para a melhoria das condições de vida dos timorenses e para o desenvolvimento do país.

O Governo de Timor-Leste tem procurado criar condições para o desenvolvimento do sector privado. As medidas compreendem alterações legislativas, criação de apoios financeiros, e agilização de processos de criação de empresas. Mas de que forma é que os timorenses estão recetivos para a criação do seu próprio emprego? Quais são as suas intenções empreendedoras?

A presente investigação pretende dar um contributo e uma resposta a estas perguntas. Nos próximos capítulos é feita uma apresentação do Projeto EmpreendeTIMOR e dos principais resultados.

Capítulo 3 - Metodologia de investigação

Ao longo deste capítulo descreve-se a metodologia de investigação seguida no Projeto EmpreendeTIMOR para recolha de informação necessária para o estudo do potencial empreendedor dos estudantes universitários e das perceções dos professores universitários em relação à iniciativa de alguém criar o próprio emprego, em Timor-Leste.

3.1 - Objetivos

Conforme Saunders, Lewis e Thornhill (2007) afirmaram, o método de investigação inicia-se com a definição clara do tema de estudo, seguindo-se a formulação e clarificação do tópico de investigação, que consiste na transformação de ideias de investigação em projetos de investigação que possuam questões e objetivos claros. Esta metodologia pode ser usada para variadas investigações e foi utilizada no presente estudo com o objetivo de compreender o potencial empreendedor existente em Timor-Leste. Assumindo como grupos de interesse os estudantes universitários e os seus professores, a presente investigação procura dar resposta às seguintes questões de investigação:

- Qual o potencial empreendedor dos estudantes universitários de Timor-Leste?
- Que perceções os professores universitários de Timor-Leste têm em relação à iniciativa de alguém criar o próprio emprego?

Segue-se uma breve explicação da definição do método de recolha e respetivo plano de informação.

3.2 - Recolha de dados e plano de informação

Na linha de outros estudos analisados na revisão da literatura e tendo em vista os propósitos da investigação decidiu adoptar-se como método de recolha a inquirição por questionário. Face às questões de investigação, e à necessidade de compreender atitudes e intenções, fenómenos só acessíveis de uma forma prática pela linguagem, a inquirição surge como único meio possível.

O inquérito é um instrumento de observação não participante, baseado numa sequência de questões escritas, que são dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões,

representações, crenças e informações factuais, sobre eles próprios e o seu meio (Quivy & Campenhoudt, 1992). O objetivo de um inquérito é medir o que uma pessoa sabe, gosta ou pensa, acerca de informação ou conhecimento, valores e preferências, e, atitudes, crenças e representações. Mas também, revelar experiências realizadas. A relevância de medir está em estimar certas grandezas absolutas, elaborar uma estimativa das grandezas relativas, descrever uma população e verificar hipóteses sob a forma de relações entre duas ou mais variáveis.

De acordo com Ghiglione e Matalon (1992), como todos os instrumentos de recolha de informação, o inquérito apresenta uma série de vantagens e desvantagens na sua utilização que é necessário ter em conta. As principais vantagens compreendem:

- Permitem recolher informação de um elevado número de respondentes ao mesmo tempo;
- Permitem uma rápida recolha de informação;
- Menor custo;
- Maior sistematização dos resultados fornecidos;
- Maior facilidade de análise;
- Por escrito as questões embaraçosas não inibem o inquirido;
- Há menos possibilidade de enviesamento pelo inquiridor.

Por sua vez as desvantagens conhecidas são:

- Processo de elaboração e confirmação de itens muito moroso;
- Elevada taxa de não-respostas;
- Não é aplicável a toda a população;
- Nem sempre é fácil a interpretação das respostas;
- É difícil saber se os inquiridos estão a responder o que sentem ou se respondem de acordo com o que pensam que são as expectativas do inquiridor;
- Não é possível ajudar o inquirido em questões mal formuladas;
- Impossibilidade de acrescentar dados suplementares.

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de campo descritivo. Trata-se de uma investigação de estudo de campo devido ao investigador observar os factos exatamente como ocorrem na realidade, recolher dados referente aos mesmos e fazer uma análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, com o objetivo de

compreender e explicar o problema investigado. A finalidade é observar, registar e analisar os fenómenos ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos. É também, uma investigação descritiva devido à análise, registo e interpretação dos factos sem a interferência do investigador.

Na definição do tipo de inquirição, a escolha recaiu no questionário auto-administrado. Este método é muito utilizado e apenas requer a intervenção inicial de alguém com a função de coordenação, deixando de seguida o inquirido preencher sozinho o questionário. Este processo de recolha requer a definição de uma amostra e tem associado algum grau de incerteza que poderá resultar da existência de não respostas, que ocorrem quando uma parte dos respondentes não pode ou não quer participar no estudo ou em problemas de medição, que ocorrem quando as respostas às questões não resultam no tipo de dados que a pesquisa pretende (Otto & Longnecker, 2010).

Como na investigação existem dois grupos de interesse distintos, estudantes e professores universitários, foi necessário desenvolver dois questionários. O ponto de partida de ambos os questionários foi a revisão da literatura, com a identificação de variáveis de interesse e de questões específicas já testadas e validadas na literatura.

Para além da utilização maioritária de questões fechadas ao nível das atitudes e intenções, foram usadas questões abertas sobretudo nas perguntas de caracterização. Dada a multidiversidade linguística de Timor-Leste, foi necessário garantir que os questionários eram bilingues, pelo que em cada questionário se optou por desdobrar as questões em português, língua oficial, e tétum.

O primeiro questionário, designado de Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST, foi adaptado da investigação de Vieira e Rodrigues (2012). O questionário é constituído por onze questões: quatro de caracterização geral do estudante respondente (género, idade, curso e universidade e ano do curso) e sete mais específicas e relativas ao tema em estudo, nomeadamente comportamento empreendedor dos pais, intenção e predisposição empreendedora, predisposição ao risco, características de personalidade e competências dos estudantes universitários timorenses.

Após a conclusão de uma versão considerada satisfatória do questionário, foi realizado um pré-teste com o objectivo de assegurar que as expectativas da investigação eram atingidas em termos da informação a obter, com particular incidência nas traduções efetuadas de português para

tétum. Dos 5 questionários respondidos verificou-se que apenas eram necessárias correções pontuais na tradução.

O *Quadro 2* apresenta uma síntese do questionário Projeto Empreende TIMOR: UNIVEST (uma versão integral poderá ser consultada no Apêndice II).

Quadro 2: Breve síntese do questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST

Pergunta	Descrição	Tipo de pergunta	Autor
P1	Gênero	Fechada	-
P2	Idade	Aberta	-
P3	Curso e Universidade	Aberta	-
P4	Ano do curso	Aberta	-
P5	Comportamento empreendedor dos pais	Fechada; 4 opções de resposta	Laspiata <i>et al.</i> (2012)
P6	Intenção empreendedora dos estudantes	Fechada; 6 opções de resposta	Laspiata <i>et al.</i> (2012)
P7	Predisposição empreendedora dos estudantes	Fechada; 5 opções de resposta	Raijman (2001)
P8.1 a P8.3	Atitudes face ao auto-emprego	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P8.4 a P8.9	Imagem percebida do empreendedor (I)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Carayannis <i>et al.</i> (2003)
P8.10 a P8.12	Barreiras percebidas ao empreendedorismo	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P8.13 a P8.14	Imagem percebida do empreendedorismo	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Carayannis <i>et al.</i> (2003)
P9.1	Intenção empreendedora (I)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P9.2	Imagem percebida do empreendedor (II)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P9.3 e P9.4	Suportes percebidos	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P9.5 a P9.7	Predisposição ao risco	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Raijman (2001)
P10	Intenção empreendedora (II)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Fitzsimmons e Douglas (2011), Raijman (2001)
P11	Capacidades e competências percebidas	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Oosterbeek <i>et al.</i> (2010)

A implementação do primeiro questionário é apresentada com maior detalhe no Capítulo 4.

O segundo questionário, designado de Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF, surge na sequência do primeiro questionário e foi desenvolvido especificamente para ser respondido por professores universitários. É uma adaptação do primeiro questionário e consequentemente da investigação de Vieira e Rodrigues (2012), estando organizado numa versão mais curta, mas apresenta uma componente nova relativa ao papel da universidade na promoção do empreendedorismo.

O questionário é constituído por seis questões: quatro de caracterização geral do professor respondente (género, idade, universidade e ano do curso que leciona) e duas mais específicas e relativas ao tema em estudo, que englobam medições da imagem percebida do empreendedor e do empreendedorismo, das barreiras percebidas, dos suportes percebidos, das competências dos alunos e do papel da universidade na promoção do empreendedorismo.

Na realização do primeiro questionário, ficou evidente a dificuldade com os termos empreendedorismo e empreendedor. Palavras desconhecidas no léxico timorense, pelo que se decidiu substituir a palavra “*empreendedorismo*” pela expressão “*a iniciativa de alguém criar o seu próprio emprego (empreendedorismo)*”. Decisão idêntica foi tomada com a palavra “*empreendedor*” substituída pela expressão “*alguém que cria o seu próprio emprego*”.

Após a conclusão de uma versão considerada satisfatória do questionário, foi realizado um pré-teste com o objetivo de assegurar que as expectativas da investigação eram atingidas em termos da informação a obter, com particular incidência nas traduções efetuadas de português para tétum. Dos 7 questionários respondidos verificou-se que apenas eram necessárias correções pontuais, com a introdução de sinónimos mais simples (por exemplo “*desfavorável*” em vez de “*adversa*”).

O *Quadro 3* apresenta uma síntese do questionário Projeto Empreende TIMOR: UNIVPROF (uma versão integral poderá ser consultada no Apêndice III).

Quadro 3: Breve síntese do questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF

Pergunta	Descrição	Tipo de pergunta	Autor
P1	Gênero	Fechada	-
P2	Idade	Aberta	-
P3	Universidade	Aberta	-
P4	Disciplinas lecionadas	Aberta	-
P5.1 e P5.2	Imagem percebida do empreendedor (I)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Carayannis <i>et al.</i> (2003)
P5.3 a P5.4	Imagem percebida do empreendedorismo	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Carayannis <i>et al.</i> (2003)
P5.5	Imagem percebida do empreendedor (II)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Carayannis <i>et al.</i> (2003)
P5.6 a P5.8	Barreiras percebidas ao empreendedorismo	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P5.9 a P5.11	Suportes percebidos	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P6.1 a P6.2	Predisposição ao risco	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Raijman (2001)
P6.3 a P6.6	Capacidades e competências percebidas	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Oosterbeek <i>et al.</i> (2010)
P6.7	Imagem percebida do empreendedor (III)	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	Kruckertz e Wagner (2010)
P6.8 a P6.13	Papel da universidade na promoção do empreendedorismo	Escala de Likert (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente)	(nova)

Os próximos capítulos, Capítulo 4 e Capítulo 5, detalham o processo de implementação de cada um dos questionários desenvolvidos, bem como fazem a apresentação e análise dos respectivos resultados obtidos.

Capítulo 4 - Questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST

Com este capítulo pretende analisar-se as respostas obtidas no questionário desenvolvido de forma a compreender as atitudes e intenções empreendedoras de estudantes universitários de Timor-Leste.

4.1 - A amostra

A população definida para efeitos da presente investigação compreende os estudantes da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. Face à realidade de Timor-Leste, entendeu-se que este grupo de pessoas pela sua formação acima da média constitui o futuro do país e serão decisores e/ou líderes de opinião em relação à restante população.

A inquirição implicou uma deslocação a Timor-Leste por parte do investigador principal e foi implementada durante os meses de fevereiro e de março de 2013 (ver Apêndice IV). O questionário, designado por EmpreendeTIMOR: UNIVEST foi aplicado a estudantes universitários Timorenses. Uma vez que a palavra empreendedorismo não faz parte do vocabulário do povo de Timor-Leste, os estudantes universitários foram convidados a assistir a uma pequena palestra, dada pelo investigador principal. Após a palestra, e assumindo-se uma amostra de conveniência, cada estudante foi convidado pessoalmente a participar no estudo. Para além do questionário bilingue (português/tétum), cada respondente era assistido no preenchimento pelo investigador principal. Como foi anteriormente referido, o questionário desenvolvido foi baseado no questionário usado no projeto ENGEmpreende em Portugal (ver Vieira e Rodrigues (2012)) e permitiu um total de 140 inquéritos recebidos.

Já em Portugal, a verificação e edição dos questionários respondidos, foi feita seguindo os seguintes passos (Malhotra, 2001): (1) a existência ou não de partes incompletas (não preenchidas) dos questionários; (2) se o padrão das respostas dadas segue uma orientação lógica com pouca variância; (3) se todos os campos foram preenchidos ou faltam páginas e (4) se a população inquirida corresponde à população em estudo. Como não se eliminaram respondentes por respostas muito incompletas, conclui-se pela validação dos 140 inquéritos recebidos. A

introdução dos dados no SPSS (versão IBM Statistics 19) obedeceu a um livro de códigos criado para o efeito (Maroco, 2007).

Posteriormente foi realizada uma análise descritiva das principais questões de caracterização presentes no questionário (Hill & Hill, 2002).

A amostra tem um total de 140 elementos, todos estudantes universitários, dos cursos de engenharia (76,43%) e de economia (23,57%). Os estudantes inquiridos pertenciam a diferentes anos do curso: 39,29% do 1º ano, 18,57% do 2º ano, 18,57% do 3º ano e 23,57% do 4º ano. A idade média dos respondentes é de 22,07 anos, com um desvio padrão de 2,608 anos e uma amplitude de valores entre os 17 e os 39 anos

Na distribuição por género verifica-se que 80,71% são do género masculino e 19,29% são do género feminino. Há domínio do género masculino, quer na área de engenharia, quer na área de economia (ver *Quadro 4*).

Quadro 4: Distribuição por género

Distribuição do Género	Total de Estudantes de Engenharia (%)	Total de Estudantes de Economia (%)	Total (%)
Masculino	85,95%	66,67%	80,71%
Feminino	14,95%	33,33%	12,29%
Total	107	33	140
Em %	76,43%	23,57%	100,00%

4.2 - Resultados do Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST

Tomando como ponto de partida o inquérito Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos nas diversas questões.

Para a caracterização da amostra incluiu-se uma questão sobre o comportamento empreendedor dos pais, designadamente “*Cresceu numa família empreendedora i.e., tem pai e/ou mãe com negócio próprio?*” (adaptado de Laspita *et al.*, 2012). A maioria dos respondentes (76,43%) admite

que os pais nunca foram empreendedores. Contudo 16,43% afirmam que sim e que o negócio ainda está ativo, mas para 7,14% já encerrou (ver *Figura 6*).

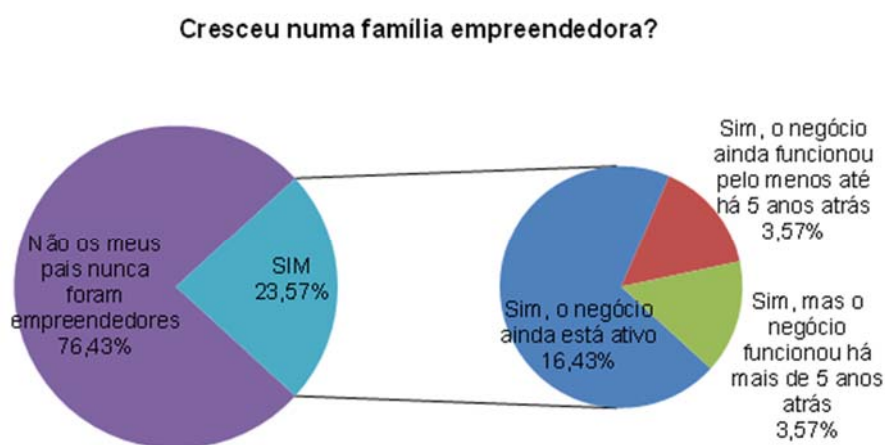


Figura 6: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Comportamento empreendedor dos pais

O resultado indica que o comportamento empreendedor dos pais apresenta níveis baixos, o que poderá limitar o potencial empreendedor dos estudantes universitários timorenses. Para investigar essa possibilidade, foi criada uma nova variável para medir os pais trabalhadores por conta própria, pela codificação das respostas "sim" como 1-sim; caso contrário 0-não.

A seguir vem a análise das respostas dadas às diferentes questões que constituem o questionário e que estão relacionadas com a intenção empreendedora, a predisposição para o empreendedorismo, a predisposição ao risco, as características de personalidade e competências dos estudantes universitários timorenses. A análise dos principais resultados do estudo compreende, além de estatísticas descritivas, os testes de independência e testes de médias, considerando as variáveis que caracterizam o género, a área do curso (engenharia ou economia) e os pais trabalhadores por conta própria (sim ou não).

Para analisar a intenção empreendedora, adaptou-se a questão da investigação de Laspita *et al.* (2012), tendo-se perguntado aos alunos se "*Alguma vez ponderou seriamente iniciar o seu próprio negócio?*". Das seis opções disponibilizadas, foi registado que a maioria dos inquiridos admitiu já ter pensado em ter seu próprio negócio (60,71%), incluindo 32,86% que afirmam estar determinados em ser seu próprio patrão no futuro, e 15,71% já estão a iniciar o processo. Foram detectadas relações de dependência entre a intenção empreendedora e o curso dos inquiridos

($\chi^2(5) = 9,288$, $p < 0,10$) e experiência empresarial dos pais ($\chi^2(5) = 28,721$, $p < 0,10$). O *Quadro 5* resume a distribuição das respostas obtidas e analisadas pela área do curso e pais trabalhadores por conta própria.

Quadro 5: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Intenção Empreendedora dos Estudantes

Resposta a “ <i>Alguma vez ponderou seriamente iniciar o seu próprio negócio?</i> ”	Curso do estudante		Pais trabalhadores por conta própria		Total (%)
	Total Estudantes Engenharia (%)	Total Estudantes Economia (%)	Total Sim (%)	Total Não (%)	
Não, nunca	37,38%	45,45%	9,09%	48,60%	39,29%
Sim, mas abandonei a ideia	9,35%	0,00%	12,12%	5,61%	7,14%
Sim, estou determinado a ser o meu próprio patrão no futuro	35,51%	24,24%	30,30%	33,64%	32,86%
Sim, já estou a iniciar o processo	14,95%	18,18%	39,39%	8,41%	15,71%
Sim, já sou o meu próprio patrão	1,87%	6,06%	6,06%	1,87%	2,86%
Sim, já fui o meu próprio patrão mas já não sou	0,93%	6,06%	3,03%	1,87%	2,14%
Total	107	33	33	107	140
Em %	76,43%	23,57%	23,57%	76,43%	100,00%

A análise da intenção empreendedora dos estudantes por curso demonstra que:

1. São os estudantes de economia que têm uma maior percentagem de respostas que afirmam nunca ter considerado a possibilidade de ter o seu próprio negócio (45,45% dos estudantes de economia contra 37,38% dos estudantes de engenharia);
2. Para ambos os cursos, a opção afirmativa com maior número de respostas é “*Sim, eu estou determinado a ser o meu próprio patrão no futuro*” (35,51% em engenharia, e 24,24% em economia);
3. A resposta “*Sim, já estou a iniciar o processo*” foi escolhida por 14,95% dos estudantes de engenharia e de 18,18% dos estudantes de economia;
4. 9,35% dos estudantes de engenharia assumiu que abandonaram a ideia contra o 0,00% de estudantes de economia.

Quando se analisa a intenção empreendedora dos estudantes em função dos pais trabalhadores por conta própria, é possível concluir que:

1. O grupo com o menor intenção empreendedora é o dos estudantes sem pais trabalhadores por conta própria (48,60% das respostas foram "*Não, nunca*"). Ainda assim, este grupo tem 33,64% dos inquiridos que afirmaram estar determinados a ser o seu próprio patrão no futuro;
2. O grupo com pais trabalhadores por conta própria tem uma alta intenção empreendedora, especialmente os 39,39% dos respondentes que assumem que o processo já está a iniciar-se, e 30,30% que afirmam estarem determinados a ser o seu próprio patrão no futuro.

A predisposição empreendedora dos estudantes foi medida através de uma questão que foi adaptada de Raijman (2001): "*Suponha que inesperadamente herda US\$ 20 000, como investia esse dinheiro?*" Os respondentes escolheram entre investir num negócio próprio (37,14%), investir num fundo de investimento (26,43%) e depositar numa conta bancária (19,29%). Verificou-se uma relação de dependência entre a predisposição empreendedora e o curso do estudante ($\chi^2(4) = 15,875$, $p < 0,01$). O *Quadro 6* resume a distribuição das respostas dos estudantes por curso.

Quadro 6: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Predisposição Empreendedora dos Estudantes

Resposta a " <i>Suponha que inesperadamente herda US\$ 20000, como investia esse dinheiro?</i> "	Curso do Estudante		Total (%)
	Total Estudante Engenharia (%)	Total Estudante Economia (%)	
Investia num negócio próprio	42,99%	18,18%	37,14%
Investia num carro ou numa casa própria	7,48%	6,06%	7,14%
Investia num fundo de investimentos	18,69%	51,52%	26,43%
Depositava numa conta bancária	21,50%	12,12%	19,29%
Outro	9,35%	12,12%	10,00%
Total	107	33	140
Em %	76,43%	23,57%	100,00%

Ao analisar a predisposição por área de curso, verificou-se que uma percentagem significativa de estudantes de engenharia admitiu investir num negócio próprio (42,99%), depositar numa conta bancária (21,50%) ou investir num fundo de investimento (18,69%). Por sua vez, estudantes de economia preferiam investir num fundo de investimento (51,52%) e apenas 18,18% admitiram investir num negócio próprio. As respostas dos estudantes de economia sugerem que estes têm um comportamento mais cauteloso em relação aos estudantes de engenharia. Será que existem diferentes níveis de aversão ao risco?

Para ajudar a responder a esta pergunta, a investigação incluiu uma nova questão para medir a predisposição ao risco. Com base no trabalho de Raijman (2001), adaptou-se três afirmações sobre a predisposição ao risco (1 – “Iniciar o meu próprio negócio é arriscado, posso perder tudo”; 2 – “Eu gosto de desafios. Muitos dos melhores momentos da minha vida ocorreram quando lutava para atingir um objetivo difícil” e 3 – “É verdade que somos o nosso próprio patrão, mas gerir a nossa própria empresa implica muito trabalho e responsabilidade e apenas traz dores de cabeça”), e perguntou-se aos inquiridos sobre o grau de concordância, com base na escala de Likert de 5 níveis (de 1 - "Discordo totalmente" a 5 - "Concordo totalmente"). A *Figura 7* ilustra os resultados obtidos em cada afirmação.

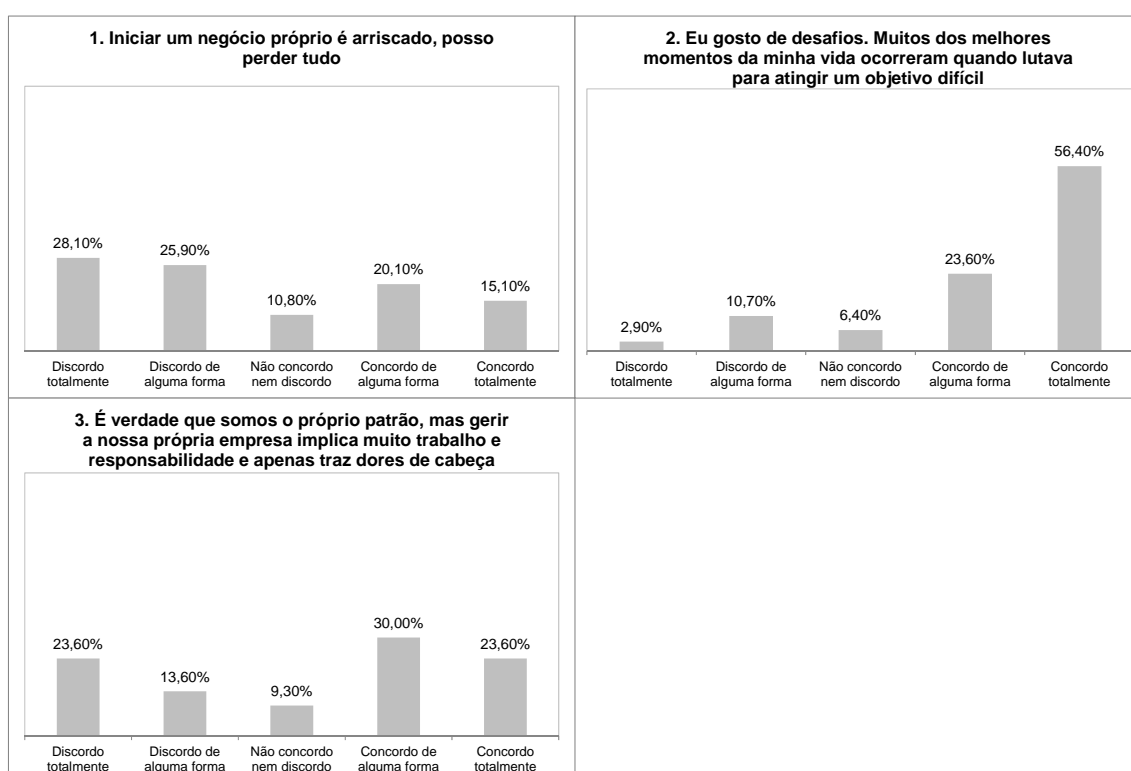


Figura 7: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Predisposição ao risco

Pela análise da figura anterior constata-se que:

1. A percepção ao risco de iniciar um negócio (afirmação 1) registou 54,00% de respostas negativas (ou seja, a soma das respostas 1 - "Discordo totalmente" e 2 - "Discordo de alguma forma");
2. O gosto por desafios (afirmação 2) é assumido por 80,00% dos inquiridos;

3. O trabalho e a responsabilidade percebida de ter um negócio próprio (afirmação 3) registou 53,60% de respostas positivas (isto é, a soma das respostas 4 - "Concordo de alguma forma" e 5 - "Concordo totalmente").

Foram encontradas relações de dependência entre a afirmação 2 ("*Eu gosto de desafios. Muito dos melhores momentos da minha vida ocorrem quando lutava para atingir um objetivo difícil*") e o curso dos estudantes ($\chi^2(4) = 19,135$, $p < 0,01$). A Figura 8 apresenta as diferenças de respostas por curso. Embora os estudantes de economia registem 63,63% de respostas positivas, a opção "Concordo totalmente" apenas registou 24,24% das respostas e a opção "Discordo de alguma forma" 21,21% das respostas. Enquanto isso, os estudantes de engenharia concordam claramente com a afirmação, isto é, 66,36% dos inquiridos responderam "Concordo totalmente" (ver *Figura 8*).

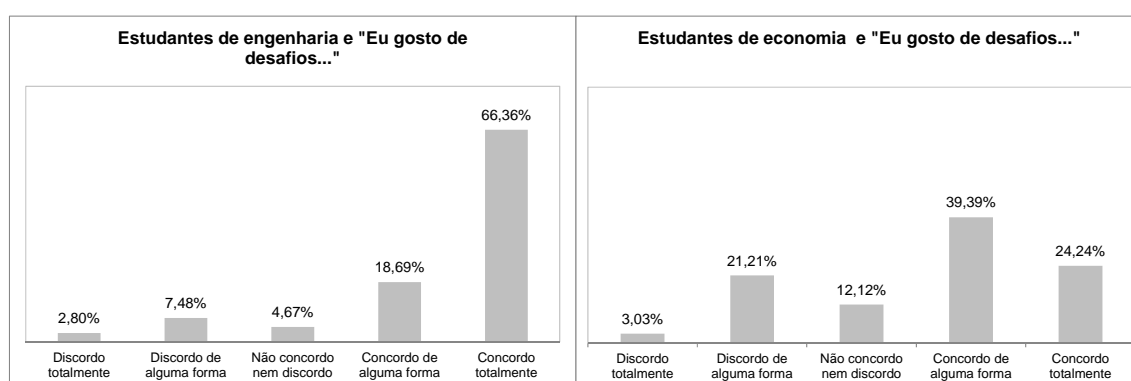


Figura 8: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Relação entre curso e a afirmação 2 ("*Eu gosto de desafios...*")

Uma vez que a afirmação "*Eu gosto de desafios. Muito dos melhores momentos da minha vida ocorrem quando lutava para atingir um objetivo difícil*" é mais geral do que as outras duas, estas últimas são mais específicas sobre ter o seu próprio negócio, decidiu calcular-se um índice de predisposição ao risco. O índice foi calculado como a média de respostas das afirmações 1 e 3, com uma correção das afirmações negativas (Alpha de 0,439 de Cronbach) e reflete a predisposição ao risco da seguinte forma: quanto maior o valor, maior a predisposição para assumir riscos resultantes de iniciar o seu próprio negócio. O *Quadro 7* resume o índice considerando o género, o curso e os pais trabalhadores por conta própria.

Quadro 7: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Índice de predisposição ao risco

Índice de predisposição ao risco		N	min	Máx	mediana	média
Género	Masculino	113	1	5	3,00	3,00
	Feminino	27	1	5	3,00	3,39
Curso	Engenharia	107	1	5	3,00	2,95
	Economia	33	2	5	3,50	3,47
Pais com emprego próprio	Sim	107	1	5	3,00	3,32
	Não	33	1	5	3,00	3,00
Total		141	1	5	3,00	3,07

A análise dos resultados mostra que:

1. Quando se considera o género, as respondentes femininas têm um índice de predisposição ao risco médio maior;
2. Quando se considera o curso, os estudantes de economia têm um índice médio maior quando comparado com os seus colegas de engenharia;
3. Quando se considera estudantes com pais trabalhadores por conta própria, estes têm um índice médio mais elevado em relação aos seus pares que não têm pais empreendedores.

Os testes de Mann-Whitney confirmam as diferenças identificadas por género ($p < 0,01$), curso ($p < 0,05$), e pais trabalhadores por conta própria ($p < 0,10$). É interessante notar a aparente contradição dos estudantes de economia, que, embora indicando uma menor intenção empreendedora (ver resultados anteriores) são os que apresentam um maior índice de predisposição ao risco!

O questionário também incluiu um conjunto de afirmações relativas às características de personalidade do estudante, incluindo três afirmações de auto-eficácia (1 – “*Eu tenho muita auto-confiança*”; 2 – “*Se decidir participar na criação de um negócio, estou confiante de que terei sucesso*”; 3 – “*Quando eu começo algo de novo, eu sei que serei bem sucedido*”), três afirmações de resiliência (4 – “*Eu adapto os meus planos às alterações das circunstâncias*”; 5 – “*Eu sou extremamente orientado para atingir resultados*”; 6 – “*Eu sou sempre perseverante até atingir os meus objetivos*”), uma afirmação de autonomia (7 – “*Eu prefiro que outras pessoas decidam por mim*”), e três afirmações de competência: uma relativa às competências financeiras (8 – “*Os serviços financeiros são complicados e confusos para mim*”) e outras duas às competências técnicas (9 – “*Eu estou bastante confiante em relação à minha capacidade de decisão técnica*”;

10 – “*O meu conhecimento técnico é muito bom*”) (escala de Likert com 5 níveis). O *Quadro 8* resume os resultados, incluindo o percentual de não-resposta (Não sabe / Não responde).

Quadro 8: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Personalidade e competências

	Discordo totalmente	Discordo de alguma forma	Não concordo nem discordo	Concordo de alguma forma	Concordo totalmente	Não sabe/ Não responde	% Respostas positivas
1. Eu tenho muita auto-confiança	2,14%	3,57%	2,86%	25,71%	60,71%	5,00%	86,43%
2. Se decidir participar na criação de um negócio, estou confiante de que terei sucesso	0,71%	3,57%	2,14%	21,43%	72,14%	0,00%	93,57%
3. Quando eu começo algo de novo, eu sei que serei bem sucedido	0,00%	2,14%	0,71%	29,29%	67,86%	0,00%	97,14%
4. Eu adapto os meus planos às alterações das circunstâncias	4,29%	2,14%	0,71%	25,00%	67,86%	0,00%	92,86%
5. Eu sou extremamente orientado para para atingir resultados	2,14%	3,57%	4,29%	22,86%	65,71%	1,43%	88,57%
6. Eu sou sempre perseverante até atingir os meus objetivos	7,86%	2,86%	5,71%	31,43%	52,14%	0,00%	83,57%
7. Eu prefiro que as outras pessoas decidam por mim	50,00%	18,57%	9,29%	12,86%	7,86%	1,43%	20,71%
8. Os serviços financeiros são complicados e confusos para mim	17,86%	18,57%	8,57%	38,57%	15,00%	1,43%	53,57%
9. Eu estou bastante confiante em relação à minha capacidade de decisão técnica	4,29%	5,00%	0,71%	24,29%	65,71%	0,00%	90,00%
10. O meu conhecimento técnico é muito bom	2,14%	5,00%	2,14%	35,71%	55,00%	0,00%	90,71%

Os resultados sugerem que altos níveis de auto-eficácia, com todas as afirmações (1, 2 e 3) a registar respostas positivas com percentagens elevadas, com um mínimo de 86,43% (afirmação 1) e um máximo de 97,14% (afirmação 3). Curiosamente, a afirmação que regista o maior percentual de respostas "Concordo totalmente" (72,14%) é a afirmação 2 "*Se decidir participar na criação de um negócio, estou confiante de que terei sucesso*". A afirmação 1 ("*Eu tenho muita auto-confiança*") registou o maior percentual (5,00%) de não-resposta (Não sabe / Não responde).

Em termos de resiliência, as respostas obtidas nas afirmações 4, 5 e 6 indicam bons níveis de resiliência, com uma elevada percentagem de respostas positivas, que vão de 83,57% (afirmação 6) a um máximo de 92,86% (afirmação 4).

A autonomia foi medida com apenas uma afirmação, nomeadamente "*Eu prefiro que outras pessoas decidam por mim*", e foram registadas 20,71% de respostas positivas, contra 68,57% de respostas negativas. Uma vez que é uma afirmação negativa, as respostas discordantes indicam que os respondentes apresentam bons níveis de autonomia.

As competências foram medidas através de três afirmações, compreendendo a componente financeiro (afirmação 8) e a componente técnica (afirmações 9 e 10). A afirmação acerca da

componente financeira é negativa, contudo observou-se 53,57% de respostas positivas e apenas 36,43% de respostas negativas, o que indicia que é uma área de conhecimento que deve ser melhorada. Na componente técnica, as respostas positivas foram maiores ou iguais a 90,00%, o que indica que os estudantes universitários timorenses apresentam um bom nível técnico percebido.

Sentindo necessidade de explorar as características de personalidade e competências, foram testadas diferenças entre médias, considerando as variáveis género, curso e pais trabalhadores por conta própria. O *Quadro 9* faz um resumo dos resultados obtidos. Para simplificar a análise foram sinalizadas as diferenças estatisticamente significativas obtidas com os testes de Mann-Whitney.

Quadro 9: EmpreendeTIMOR: UNIVEST - Perfil médio das características de personalidade e competências

	Género		Curso		Pais trabalhadores por conta própria	
	Masculino Média	Feminino Média	Estudante engenharia Média	Estudante engenharia Média	Sim Média	Não Média
1. Eu tenho muita auto-confiança	4,40	4,76 ***	4,48	4,44	4,50	4,46
2. Se decidir participar na criação de um negócio, estou confiante de que terei sucesso	4,61	4,59	4,69	4,33	4,67	4,59 ***
3. Quando eu começo algo de novo, eu sei que serei bem sucedido	4,63	4,63	4,63	4,64	4,64	4,63
4. Eu adapto os meus planos às alterações das circunstâncias	4,47	4,63	4,64	4,06 *	4,42	4,52
5. Eu sou extremamente orientado para para atingir resultados	4,51	4,37	4,52	4,36 **	4,63	4,44
6. Eu sou sempre perseverante até atingir os meus objetivos	4,20	4,04	4,26	3,88	4,30	4,13
7. Eu prefiro que as outras pessoas decidam por mim	2,05	2,22	2,15	1,88	2,34	2,01
8. Os serviços financeiros são complicados e confusos para mim	3,15	3,11	3,11	3,24	2,84	3,24 ***
9. Eu estou bastante confiante em relação à minha capacidade de decisão técnica	4,55	3,89 **	4,71	3,48 **	4,64	4,36
10. O meu conhecimento técnico é muito bom	4,40	4,22	4,49	3,97 *	4,58	4,30 ***
Teste de Mann-Whitney. *p<0.01; **p<0.05; ***p<0.10						

Ao analisar o género, constatou-se que os estudantes do género feminino mostram um maior grau de confiança em geral (afirmação 1), mas um menor grau de confiança na decisão técnica (afirmação 9) em comparação com estudantes do género masculino. Reconhecendo-se que ambas as afirmações apontam diferenças significativas.

Ao analisar o curso, verifica-se que os estudantes de engenharia têm maiores níveis de adaptabilidade (afirmação 4 - "*Eu adapto os meus planos às alterações das circunstâncias*"), maior orientação para os resultados (declaração 5 - "*Eu sou sempre perseverante até atingir os meus objetivos*") e conhecimento técnico superior (afirmação 9 - "*Eu estou bastante confiante em relação à minha capacidade de decisão técnica*" e 10 - "*O meu conhecimento técnico é muito bom*"). As quatro afirmações apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Considerando a experiência empresarial dos pais, os estudantes com pais trabalhadores por conta própria têm mais segurança em relação ao sucesso de um projeto empreendedor (afirmação 2 - "*Se decidir participar na criação de um negócio, estou confiante de que terei sucesso*"), apresentam menores dificuldades com questões financeiras (afirmação 8 - "*Os serviços financeiros são complicados e confusos para mim*") e têm melhor conhecimento técnico (afirmação 10 - "*O meu conhecimento técnico é muito bom*"). As três afirmações também apresentam diferenças significativas.

4.3 - Conclusão do Capítulo 4

O Projeto EmpreendeTIMOR compreendeu a implementação de um questionário junto dos estudantes universitários timorenses, designado por Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST, com o objetivo de conhecer o seu potencial empreendedor. Os resultados preliminares identificaram a existência de alguns fatores críticos, incluindo a falta de exemplo familiar, a existência de uma elevada intenção empreendedora em simultâneo com uma menor predisposição para o empreendedorismo. Os estudantes apresentam, de uma maneira geral, uma elevada predisposição ao risco, mas através do cálculo do índice de predisposição ao risco verificou-se a existência de diferenças entre o género, o curso e a experiência empresarial dos pais, isto é, os pais serem ou não trabalhadores por conta própria. Em termos de características de personalidade e competências, os estudantes universitários timorenses apresentam níveis altos de auto-eficácia, autonomia e resiliência. As competências financeiras podem ser preocupantes no futuro, porque os estudantes reconheceram a existência de problemas nessa área.

Capítulo 5 - Questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF

Este capítulo pretende analisar as respostas obtidas no questionário implementado junto de professores universitários de Timor-Leste para determinar as atitudes destes em relação à iniciativa de alguém criar o próprio emprego (empreendedorismo).

5.1 - A amostra

A população definida para efeitos da presente investigação compreende os professores universitários de Timor-Leste. A inquirição implicou uma segunda deslocação a Timor-Leste por parte do investigador principal e foi implementada durante os meses de agosto e de setembro de 2013. O questionário, designado por EmpreendeTIMOR: UNIVPROF foi aplicado a professores universitários Timorenses. Foi assumida uma amostra de conveniência, com cada professor a ser contactado e convidado pessoalmente a participar no estudo. Para além do questionário bilingue (português/tétum), cada respondente era assistido no preenchimento pelo investigador principal. Este processo permitiu a recolha de um total de 123 questionários.

Já em Portugal, a verificação e edição dos questionários respondidos, foi feita seguindo os seguintes passos (Malhotra, 2001): (1) a existência ou não de partes incompletas (não preenchidas) dos questionários; (2) se o padrão das respostas dadas segue uma orientação lógica com pouca variância; (3) se todos os campos foram preenchidos ou faltam páginas e (4) se a população inquirida corresponde à população em estudo. Como não se eliminaram respondentes por respostas muito incompletas, conclui-se pela validação dos 123 questionários recebidos. A introdução dos dados no SPSS (versão IBM Statistics 21) obedeceu a um livro de códigos criado para o efeito (Maroco, 2007).

A amostra é constituída por 123 professores universitários de Timor-Leste. Ao analisar a amostra por género, verifica-se que 101 dos professores são do género masculino (82,1%), contra apenas 22 que representam o género feminino (17,9%) (ver *Figura 9*).

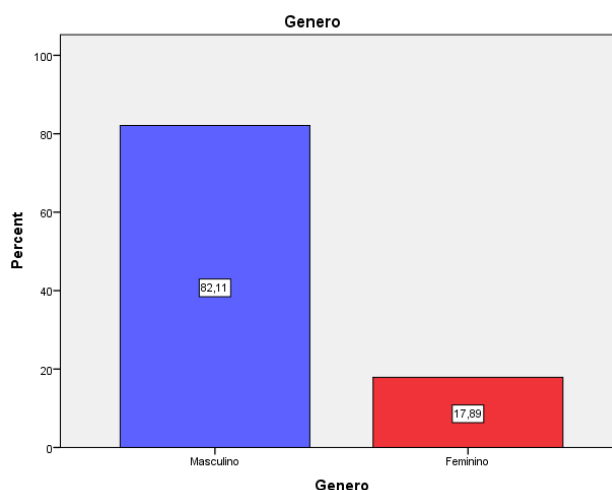


Figura 9: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Distribuição por género

A média de idades, ou seja o centro de gravidade da distribuição, é 35,77 anos, com um desvio padrão de 7,954. A amplitude de idade é de 30 anos, a variar entre um mínimo de 23 anos e um máximo de 53. A mediana, ou seja, o ponto que divide a distribuição, é a idade igual a 33 anos. O histograma evidencia a distribuição assimétrica das idades (ver *Figura 10*).

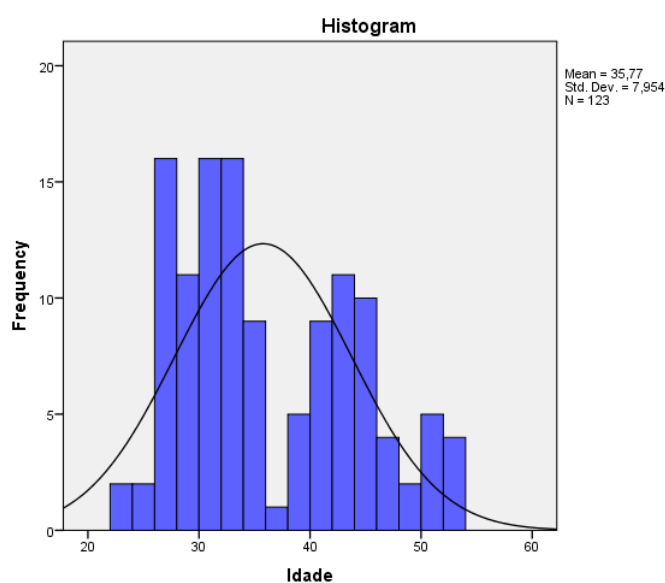


Figura 10: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Distribuição das idades dos professores respondentes

Para além do género e idade, cada respondente indicou a universidade a que estava associado. No total foram inquiridos docentes de cinco universidades:

- Dili Institute of Technology;
- Instituto de Ciências Religiosas;

- Universidade de Díli;
- Universidade Oriental de Timor Lorosa'e;
- Universidade Nacional de Timor Lorosa'e.

O *Quadro 10* ilustra a distribuição de respostas por universidade.

Quadro 10: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Universidades dos professores respondentes

Universidade		N	%	% Acumulada
Dili Institute of Technology	DIT	30	24,4	24,4
Instituto de Ciências Religiosas	ICR	8	6,5	30,9
Universidade de Díli	UNDIL	14	11,4	42,3
Universidade Oriental de Timor Lorosa'e	UNITAL	15	12,2	54,5
Universidade Nacional de Timor Lorosa'e	UNTL	56	45,5	100,0
Total		123	100,0	

Posteriormente as universidades foram classificadas quanto ao tipo de financiamento (público ou privado) verificando-se que 54,47% dos respondentes é professor numa universidade privada e 45,53% é na universidade pública, Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (ver *Figura 11*).

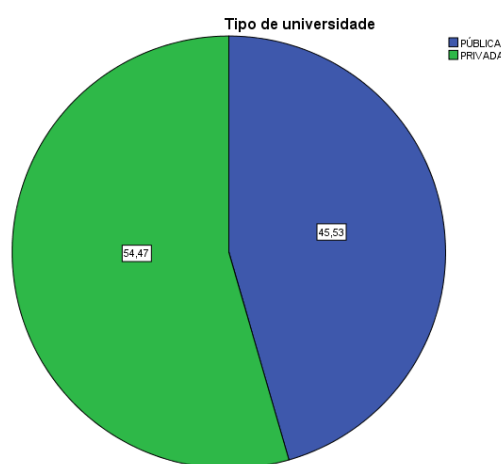


Figura 11: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Distribuição por tipo de universidade (financiamento)

Pedia-se ainda a cada professor respondente para indicar as disciplinas que lecionava (pergunta aberta). Posteriormente, e com base nas disciplinas enunciadas, cada respondente foi classificado numa de cinco áreas predominantes:

- Engenharia;
- Economia e gestão;
- Ciências exatas (matemática, estatística, física e química);
- Educação;
- Outros.

O resumo da classificação é apresentado no *Quadro 11*.

Quadro 11: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Áreas predominantes de ensino dos professores respondentes

Áreas de ensino	Frequência	%	% Acumulada
Engenharia	38	30,9	30,9
Economia e Gestão	31	25,2	56,1
Ciências Exatas	27	22,0	78,1
Educação	17	13,8	91,9
Outros	10	8,1	100,0
Total	123	100,0	

Verifica-se assim que em termos de áreas de ensino, os respondentes são das áreas de engenharia (30,9%), economia e gestão (25,2%) ou ciências exatas (22,0%).

Na próxima secção são apresentados os principais resultados do estudo.

5.2 - Resultados do Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF

O questionário do Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF está organizado em sete grupos de interesse: 1) imagem percebida do empreendedor; 2) imagem percebida do empreendedorismo; 3) barreiras percebidas; 4) suportes percebidos; 5) predisposição ao risco; 6) capacidades e competências percebidas nos alunos; e 7) papel da universidade na promoção do

empreendedorismo. Segue-se a análise estatística dos resultados obtidos em cada um dos grupos de perguntas.

Imagem percebida do empreendedor

A imagem percebida do empreendedor por parte dos professores é avaliada com quatro afirmações que resultam dos trabalhos de Carayannis *et al.* (2003) (três afirmações) e de Kruckertz e Wagner (2010) (uma afirmação):

1. Em negócios é preferível alguém ter a iniciativa de criar o próprio emprego (ser empreendedor) do que ser um empregado numa grande empresa ou no estado.
2. A iniciativa de criar o próprio emprego (empreendedorismo) é basicamente uma saída ou recurso para pessoas que falharam.
3. O sucesso de alguém que cria o próprio emprego (um empreendedor) é fortemente determinado pela “sorte”.
4. A formação é mais importante do que a personalidade como fator de sucesso na iniciativa de criar o próprio emprego (empreendedorismo).

Cada respondente era convidado a indicar o seu grau de concordância com as afirmações apresentadas (escala de Likert de 5 níveis, 1-“concordo totalmente” a 5-“discordo totalmente”). A análise das respostas é resumida no *Quadro 12*.

Quadro 12: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Imagem percebida do empreendedor

	Ns/Nr	Discordo totalmente	Discordo de alguma forma	Não concordo nem discordo	Concordo de alguma forma	Concordo totalmente	% Respostas positivas
1. Em, negócios, é preferível alguém ter a iniciativa de criar o próprio emprego...	0,8%	0,8%	5,7%	4,1%	48,8%	39,8%	88,6%
2. A iniciativa de criar o próprio emprego é basicamente uma saída...	1,6%	4,1%	10,6%	5,7%	37,4%	40,7%	78,0%
3. O sucesso de alguém que cria o seu próprio emprego é fortemente determinado pela sorte	0,0%	13,8%	17,9%	12,2%	31,7%	24,4%	56,1%
4. A formação é mais importante do que a personalidade como fator de sucesso...	0,0%	2,4%	8,1%	10,6%	31,7%	47,2%	78,9%

Da análise das respostas recebidas e em particular das respostas positivas (*i.e.*, soma de respostas 4-“concordo” e 5-“concordo totalmente”), verifica-se que uma maioria expressiva dos

respondentes concorda que é preferível alguém ter a iniciativa de criar o próprio emprego (afirmação 1, 88,6% de respostas positivas), mas simultaneamente também concorda que esta é uma saída ou recurso para pessoas que falharam (afirmação 2, 78,0%). Este resultado parece um pouco incoerente e levanta algumas dúvidas: será que os professores se projetam nesta afirmação e acreditam que, no seu caso em particular, ter o seu próprio emprego é uma saída para pessoas que falharam? Ou será apenas um erro de interpretação? Poderá ser interessante explorar esta situação no futuro.

Por sua vez, na análise das afirmações relacionadas com o sucesso, regista-se um menor grau de concordância com o efeito da sorte (afirmação 3, 56,1%) e uma expressiva concordância com o efeito determinante da formação (afirmação 4, 78,9%). Assim, é possível perceber o reconhecimento da formação como determinante no sucesso.

Imagem percebida do empreendedorismo

A imagem percebida do empreendedorismo operacionaliza dois itens de Carayannis *et al.* (2003) (escala de Likert de 5 níveis). Os resultados estão resumidos no *Quadro 13*.

Quadro 13: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF - Imagem percebida do empreendedorismo

	Ns/Nr	Discordo totalmente	Discordo de alguma forma	Não concordo nem discordo	Concordo de alguma forma	Concordo totalmente	% Respostas positivas
1. É mais benéfico para a sociedade ter grandes empresas do que muitas empresas pequenas	1,6%	4,9%	11,4%	8,9%	40,7%	32,5%	73,2%
2. A concorrência é indesejável porque destrói a economia	5,7%	27,6%	18,7%	11,4%	24,4%	12,2%	36,6%

Por um lado, a maioria dos respondentes concorda com uma perspetiva de empresas de maior dimensão (afirmação 1) e por outro lado discorda da afirmação relativa à existência de concorrência (afirmação 2). O interessante é que, na perspetiva do empreendedorismo, ambas as afirmações são negativas, o que conduziria a respostas de natureza mais discordantes. Mas tal não se verifica no caso particular dos professores universitários timorenses. Será que a concordância com as maiores empresas indicia um desejo de estabilidade, de segurança no emprego? Poderá ser interessante no futuro explorar esta discrepância.

Barreiras percebidas ao empreendedorismo

O questionário incluía três afirmações relativas às barreiras percebidas ao empreendedorismo que se baseiam no trabalho de Kruckertz e Wagner (2010) (escala de Likert de 5 níveis):

1. Os bancos não dão facilmente crédito para o início de empresas.
2. A legislação é desfavorável (adversa) à gestão de uma empresa.
3. É difícil encontrar uma ideia para um negócio que não tenha sido identificada.

Na visão dos professores, são percebidas dificuldades no acesso a financiamento bancário (69,1% de respostas positivas), e na criatividade, *i.e.*, na dificuldade em encontrar uma ideia original (63,4% de respostas positivas). Relativamente às dificuldades na legislação, apenas 40,7% dos inquiridos concordam com a afirmação apresentada. Interessante notar que esta afirmação registou 25,2% de respostas neutras, *i.e.*, “não concordo, nem discordo”). A *Figura 12* ilustra as principais conclusões.

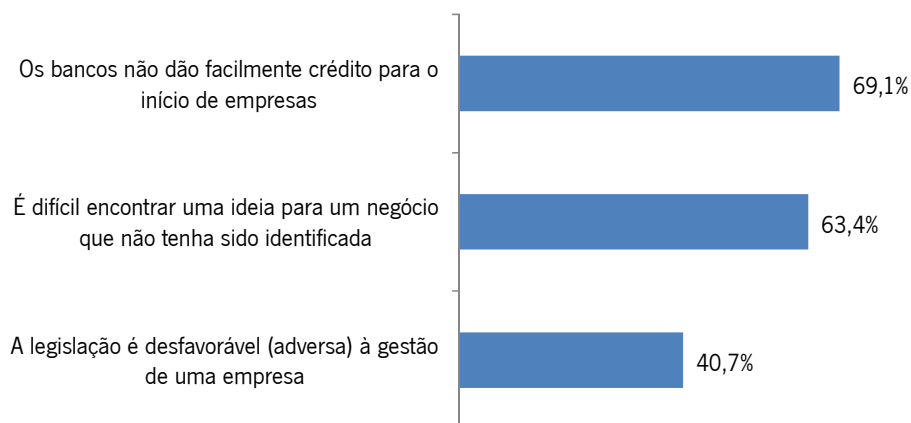


Figura 12: EmpreendeTIMOR UNIVPROF – Barreiras percebidas (%respostas positivas)

Suportes ao empreendedorismo

Eram igualmente analisados os suportes percebidos ao empreendedorismo, com três afirmações adaptadas do trabalho de Kruckertz e Wagner (2010) (escala de Likert de 5 níveis). Os resultados são apresentados na *Figura 13*.

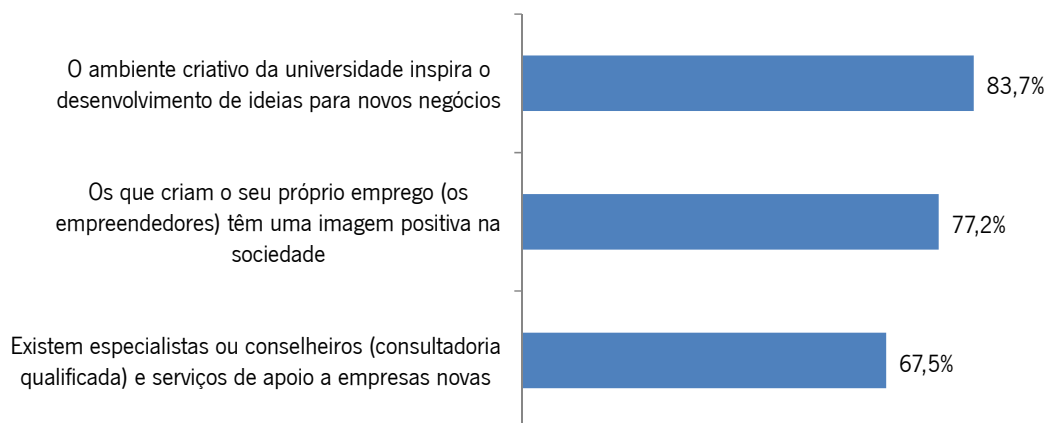


Figura 13: EmpreendeTIMOR UNIVPROF – Suportes percebidos (%respostas positivas)

As respostas obtidas são muito concordantes com as afirmações apresentadas, o que indicia uma boa percepção de suporte a iniciativas de empreendedorismo, como a imagem positiva na sociedade, a existência de apoio especializado e o ambiente da universidade. No caso particular do ambiente da universidade, a elevada percentagem de respostas positivas obtidas (83,7%) indicia um elevado reconhecimento da universidade como suporte ao empreendedorismo. Este tema será explorado com maior detalhe nas questões relativas ao papel da universidade na promoção do empreendedorismo.

Predisposição ao risco dos professores

Procurou-se também perceber qual a predisposição ao risco dos professores, usando duas afirmações de Rijman (2001):

1. Iniciar um negócio é arriscado, pois pode perder-se tudo.

2. É verdade que se é o próprio patrão, mas gerir uma empresa própria implica muito trabalho e responsabilidade e apenas traz grandes dores de cabeça.

As respostas obtidas revelam percentagens de respostas positivas superiores a 50%. Como as afirmações apresentadas são negativas, este resultado sugere uma baixa predisposição ao risco por parte dos professores universitários timorenses. Interessante notar as respostas neutras (não concordo, nem discordo), com percentagens entre 10,6% e 13,0%. O *Quadro 14* resume as respostas obtidas.

Quadro 14: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF – Predisposição ao risco

	Ns/Nr	Discordo totalmente	Discordo de alguma forma	Não concordo nem discordo	Concordo de alguma forma	Concordo totalmente	% Respostas positivas
1. Iniciar um negócio próprio é arriscado, pois pode perder-se tudo	0,0%	13,8%	22,0%	10,6%	35,0%	18,7%	53,7%
2. É verdade que se é o próprio patrão, mas gerir uma empresa própria implica muito trabalho e responsabilidade e apenas tras grandes dores de cabeça	0,0%	11,4%	18,7%	13,0%	34,1%	22,8%	56,9%

Capacidades e competências percebidas nos alunos

Foi igualmente pedido aos professores que indicassem o seu grau de concordância com afirmações relativas às capacidades e competências dos seus alunos. As quatro afirmações resultam do trabalho de Oosterbeek *et al.* (2010) (escala de Likert de 5 níveis). A análise das respostas positivas revela valores a variar entre 61,8% (afirmação 4) e 74,8% (afirmação 3). Os resultados sugerem assim bons níveis de confiança nos alunos, quer em relação ao sucesso de um negócio próprio quer em relação à preparação técnica ou financeira dos mesmos (ver *Figura 14*).

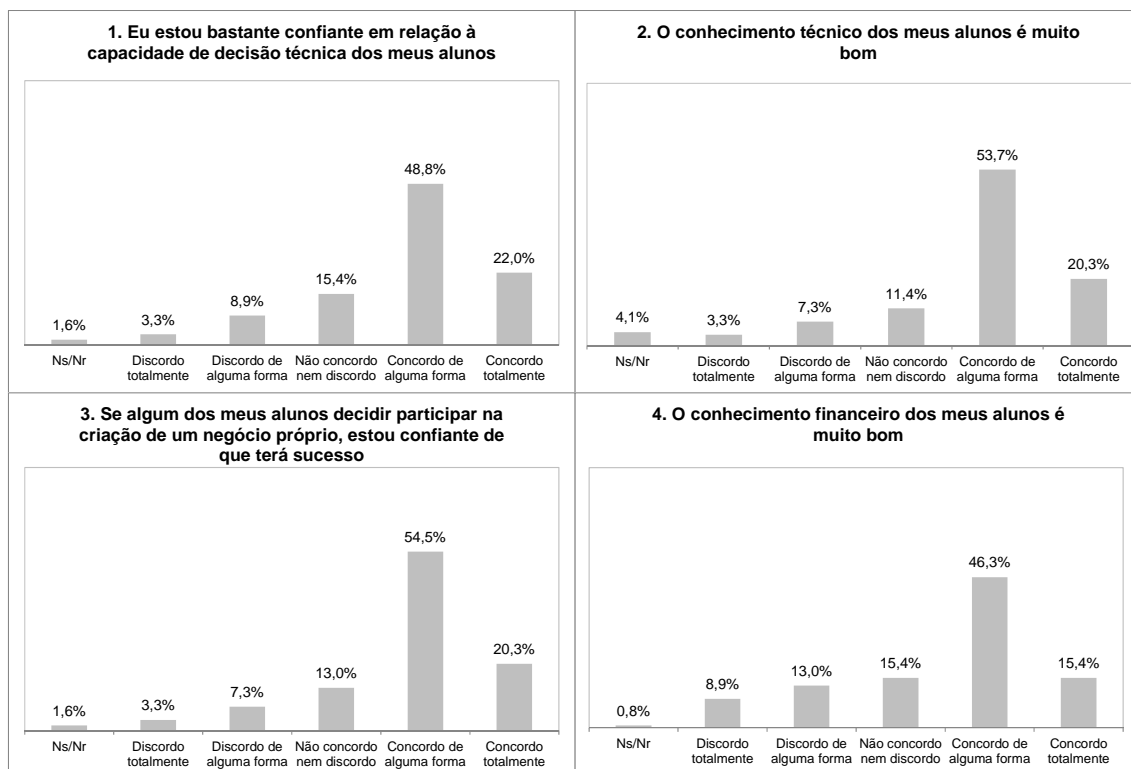


Figura 14: EmpreendeTIMOR: UNIVPROF – Competências dos alunos

Papel da universidade na promoção do empreendedorismo

Finalmente, o questionário solicitava aos professores para indicarem o seu grau de concordância com afirmações relativas ao papel da universidade na promoção do empreendedorismo (escala de Likert de cinco níveis). Estas afirmações foram desenvolvidas especificamente para este questionário:

1. Os estudantes universitários devem ser encorajados a serem diferentes e criativos.
2. Os estudantes universitários devem compreender que a criação de um negócio próprio é uma alternativa viável.
3. Os professores universitários devem comunicar as vantagens e desvantagens de criar emprego próprio.
4. A universidade deve criar programas de incentivo à iniciativa de criação do próprio emprego (empreendedorismo) dos seus estudantes e/ou professores.
5. Os estudantes universitários devem ter oportunidade de obter na universidade uma educação básica em iniciativas de criar o seu próprio emprego (empreendedorismo).

6. Os professores devem utilizar o seu conhecimento para ensinar os estudantes universitários o valor da iniciativa de criar o seu próprio emprego (empreendedorismo).

Uma expressiva maioria dos respondentes concorda com todas as afirmações, com percentagens de respostas positivas a variar entre 80,5% (afirmação 4) e 95,1% (afirmação 5) (ver *Figura 15*).

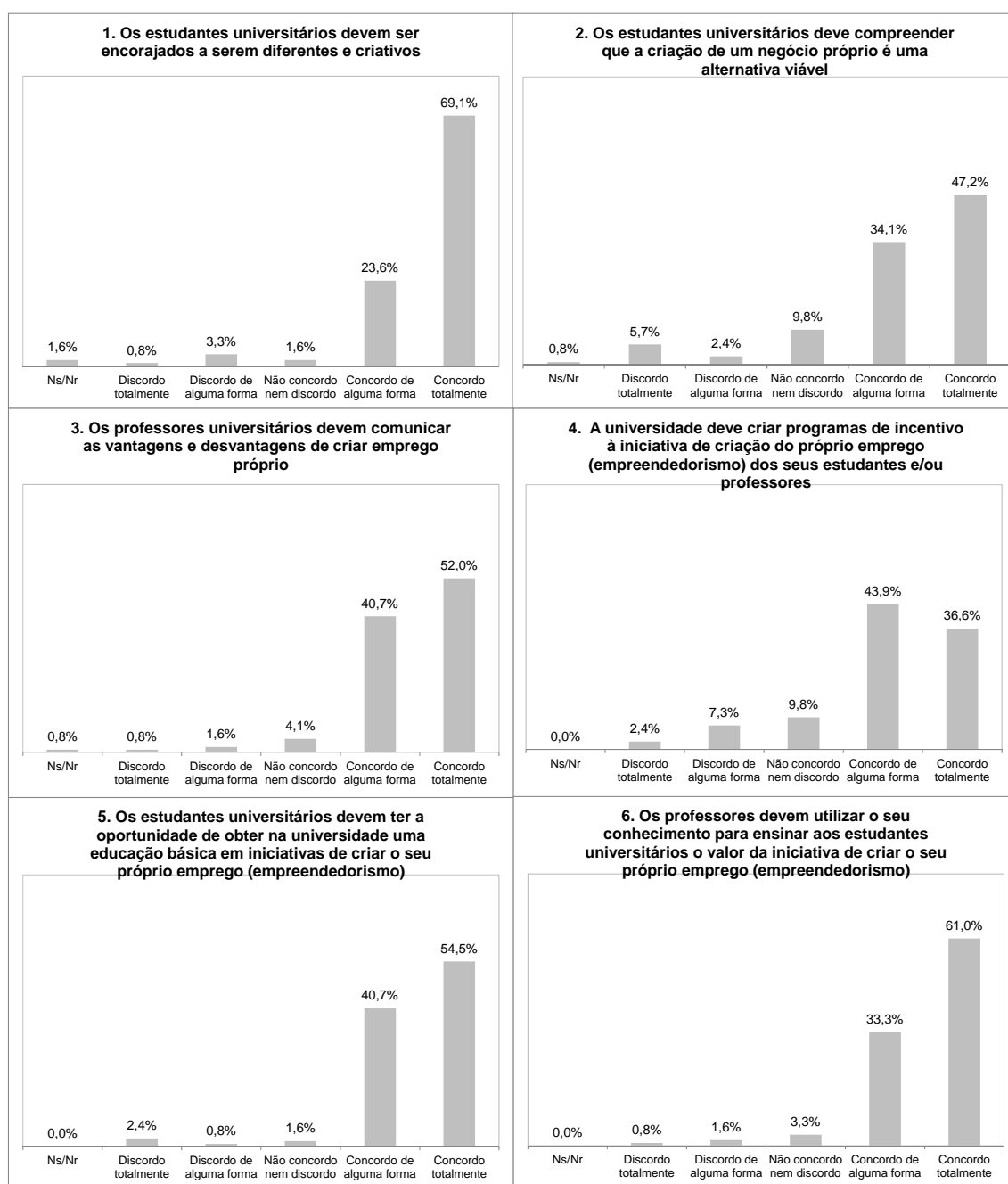


Figura 15: EmpreendeTIMOR UNIVPROF – Papel da universidade na promoção do empreendedorismo

Interessante registrar que:

1. A afirmação com maior percentagem de respostas “concordo totalmente” é a afirmação 1, os estudantes universitários devem ser encorajados a serem diferentes e criativos, (69,1%);
2. A afirmação 2, a compreensão da criação de um negócio próprio como alternativa viável, embora registe uma percentagem elevada de respostas positivas (81,3%) regista igualmente a maior percentagem de respostas negativas (8,1%, total de respostas 1- “Discordo totalmente” ou 2- “discordo de alguma forma”);
3. As afirmações com maior percentagem de respostas neutras (não concordo, nem discordo) são as afirmações 2 e 4 (ambas com 9,8%).

Do exposto concluiu-se que os professores universitários timorenses concordam com um papel mais interveniente da universidade na promoção do empreendedorismo, incluindo um papel mais ativo dos próprios professores no incitamento de iniciativas que visem a criação do próprio emprego por parte dos seus alunos.

5.3 - Conclusão do Capítulo 5

O Projeto EmpreendeTIMOR compreendeu a implementação de um segundo questionário junto dos professores universitários timorenses, designado por Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF, com o objetivo de compreender que perceções possuem relativamente à iniciativa de alguém criar o próprio emprego.

Os resultados sugerem que os professores têm uma imagem positiva do empreendedorismo e do empreendedor. Existem contudo, resultados contraditórios que sugerem uma exploração futura das razões, em particular a perceção de que o empreendedorismo é uma saída para quem falha. Destaca-se ainda que os professores estão confiantes em relação as competências dos seus estudantes e à sua capacidade de sucesso. Por fim, o papel da universidade é percebido como fundamental na ajuda a disponibilizar aos estudantes para a criação do seu negócio próprio.

Conclusão

1. Considerações finais

O empreendedorismo é uma cultura de crescimento em todos os sentidos e para o empreendedor exercer a sua atividade, necessita de assumir riscos, identificar oportunidades, procurar conhecimento, organização e independência; tomar decisões, mostrar capacidade de liderança, dinamismo, otimismo, planeamento, plano de negócios e acima de tudo, instinto empresarial. O crescimento da capacidade empreendedora de um país depende da educação e do conhecimento cultural do empreendedorismo por parte de todos os cidadãos. O empreendedorismo desenvolve-se como um fenómeno cultural ligado ao desenvolvimento da educação, capaz de promover a criação de micro e pequenas empresas para desenvolver as zonas urbanas e rurais de um determinado país (Curteis, 1997; Sarkar, 2010).

O empreendedorismo tem sido reconhecido como um fator crítico na promoção da inovação e da produtividade, criando oportunidades de emprego e contribuindo para o desenvolvimento económico de um país. Dada a forte dependência do emprego estatal existente em Timor-Leste, são necessárias medidas para expandir a iniciativa privada. Para além das medidas preconizadas pelo Governo, é necessária uma maior consciencialização do empreendedorismo como uma alternativa viável através da criação do próprio emprego.

Para Timor-Leste a promoção do empreendedorismo deve ser percebida como uma oportunidade fundamental para aumentar o número de indivíduos com iniciativa para criar novos postos de trabalho, ou seja, a formação de empresários que assumem a responsabilidade da criação de emprego e, portanto, o consequente desenvolvimento económico do país. Uma vez que o empreendedorismo é uma palavra nova para o povo timorense, reconhece-se como pertinente a análise da predisposição empreendedora existente.

O presente trabalho apresenta dois objetivos distintos. Por um lado, analisar a predisposição e intenção empreendedora dos estudantes universitários timorenses. E, por outro, lado analisar as perceções dos seus professores relativamente à iniciativa de alguém criar o próprio emprego. Com esta investigação, pretende explorar-se o potencial empreendedor dos estudantes universitários e, assim, contribuir para uma maior discussão sobre o tema do empreendedorismo em Timor-Leste.

O primeiro estudo, o Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST centra-se nos estudantes universitários. Dada a sua formação, estes estudantes têm um potencial de empreendedorismo, que ainda não

foi reconhecido. Com um total de 140 respostas consideradas válidas, a amostra é constituída principalmente por indivíduos do género masculino (80,7%), com a maioria dos estudantes a frequentar cursos de engenharia (70,2%), com idade média de 22,07 anos. Os resultados preliminares identificaram a existência de alguns fatores críticos, incluindo a falta de exemplo familiar, a existência de uma elevada intenção empreendedora em simultâneo com uma menor predisposição para o empreendedorismo. Os estudantes apresentam, de uma maneira geral, uma elevada predisposição ao risco, mas através do cálculo do índice de predisposição ao risco verificou-se a existência de diferenças entre o género, o curso e a experiência empresarial dos pais, isto é, os pais serem ou não trabalhadores por conta própria. Em termos de características de personalidade e competências, os estudantes universitários timorenses apresentam níveis altos de auto-eficácia, autonomia e resiliência. As competências financeiras podem ser preocupantes no futuro, porque os estudantes reconheceram a existência de problemas nessa área. Como sugestão seria a inclusão de disciplinas de empreendedorismo e finanças nos curricula dos cursos. Relativamente às competências técnicas, os estudantes universitários timorenses apresentam-se confiantes.

Durante a análise efetuada também foram exploradas as possíveis diferenças entre o género, o curso e a experiência empresarial dos pais (serem ou não trabalhadores por conta própria). A análise do género revelou que os estudantes do género feminino apresentam maior predisposição ao risco, maior auto-confiança em geral, mas baixa confiança técnica. Quando analisado o curso, as respostas revelam uma distinção entre estudantes de engenharia e estudantes de economia, sendo importante destacar a aparente contradição dos estudantes de economia, que apresentam uma baixa intenção empreendedora, mas um alto índice de predisposição ao risco (o que requer mais pesquisas para perceber as causas subjacentes a esta contradição). A experiência empresarial dos pais também resultou em algumas diferenças interessantes, como por exemplo, nas características de personalidade e competências, como a capacidade de criar um negócio próprio, a confiança de obter sucesso e as competências técnicas e financeiras percebidas.

A formação assume um papel cada mais importante na iniciativa de criação do próprio emprego. Uma das recomendações para aumentar o empreendedorismo é no sentido das universidades assumirem este papel formativo e de promoção. Assim, e no seguimento do estudo junto dos estudantes universitários timorenses, o Projeto EmpreendeTIMOR procurou explorar qual a

percepção dos professores universitários timorenses. O questionário projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF, foi criado especificamente para esse efeito e os resultados são promissores.

Ao nível da imagem percebida, os professores timorenses evidenciam possuir uma boa imagem dos empreendedores e do empreendedorismo. Contudo, são identificadas duas situações com resultados aparentemente contraditórios, pelo registo de elevada concordância em afirmações de natureza negativa: “*A iniciativa de criar o próprio emprego (empreendedorismo) é basicamente uma saída ou recurso para pessoas que falharam*” (78,0% de respostas positivas; imagem do empreendedor); “*é mais benéfico para a sociedade ter grandes empresas do que pequenas empresas*” (73,2% de respostas positivas, imagem do empreendedorismo). Ambas as situações sugerem a realização de trabalho futuro, no sentido de esclarecer o porquê deste resultado junto do professores universitários.

Ao nível das barreiras percebidas, os respondentes concordam com as dificuldades de acesso a financiamento junto dos bancos e de definição de uma ideia original. Relativamente à legislação, esta é percebida como uma dificuldade menor, ou eventualmente de menor interesse já que registou 25,2% de respostas neutras (não concordo, nem discordo). Ao nível dos apoios, os professores universitários concordam com a disponibilidade das opções apresentadas e destacam o ambiente criativo da universidade (83,7% de respostas positivas). Na generalidade, a predisposição ao risco dos professores universitários timorenses é aparentemente baixa. Já as competências dos seus alunos são percebidas como altas, com os professores a evidenciarem bom níveis de concordância com as competências técnicas e financeiras bem como o potencial de sucesso empreendedor dos seus alunos. Relativamente ao papel da universidade, a expressiva maioria dos professores concorda com um papel mais ativo da universidade e deles mesmos na promoção do empreendedorismo junto dos seus alunos.

2. Contribuições do trabalho desenvolvido

A presente investigação revelou-se um processo intenso e exigente, quer ao nível de aquisição de novos conceitos e conhecimentos relacionados com o empreendedorismo, quer ao nível de consciencialização do que é o empreendedorismo e a sua pertinência para o desenvolvimento económico de Timor-Leste.

Os resultados obtidos, através do Projeto EmpreendeTIMOR, indicam a existência de um elevado potencial empreendedor por parte dos estudantes universitários timorenses, bem como uma boa receptividade dos seus professores a colaborar em programas de incentivo. Também se reconhece que esta investigação poderá ser uma importante contribuição para o tema do empreendedorismo em Timor-Leste. Como o empreendedorismo é uma nova prioridade social em Timor-Leste e o Governo pretende aumentar a relevância do sector privado, acredita-se que a Universidade Nacional de Timor Lorosa'e deve assumir um papel de liderança na promoção do empreendedorismo entre os seus estudantes, ou seja, com a inclusão de disciplinas sobre este tema nos curricula dos cursos. Para Timor-Leste, é indispensável realçar o papel das universidades, na sua função de educação e preparação dos jovens, dotando-os de uma atitude empreendedora que lhes permita ter sucesso na criação do seu próprio emprego.

3. Sugestões de trabalho futuro

Em termos de trabalho futuro, é esperada a continuidade dos trabalhos de investigação. Os resultados dos estudantes sugerem interesse na exploração das diferenças identificadas ao nível da área ou curso e do género, nomeadamente para explicar a contradição sinalizada entre intenção e predisposição ao risco.

Por sua vez, os resultados das competências sugerem dificuldades financeiras que poderiam ser colmatadas com a inclusão de disciplinas de empreendedorismo e finanças. Caso se concretize, seria interessante verificar o impacto de uma medida deste tipo no comportamento empreendedor dos estudantes universitários.

Relativamente aos professores, seria importante compreender as razões que motivam a contradição identificada na imagem do empreendedor, no caso particular da perceção de que o empreendedorismo é uma saída para quem falha. Por outro lado, poderá ser interessante no futuro explorar a aparente discrepância entre concorrência e a dimensão das empresas.

Em termos futuros, seria oportuna a definição de um programa de incentivo a desenvolver junto das comunidades académicas de Timor-Leste, no sentido de contribuir para um aumento das iniciativas de criação do próprio emprego por parte dos estudantes.

O presente estudo pode ainda ser estendido a outras abordagens, por exemplo, a identificação dos setores de atividade com maior potencial empreendedor, ou a identificação das características dos empreendedores nativos de Timor-Leste.

Dada a pertinência do empreendedorismo num contexto como Timor-Leste, é importante a divulgação da investigação desenvolvida, quer pela participação em conferências internacionais, quer pela publicação em revistas académicas. Parte do presente trabalho de investigação, mais concretamente os resultados do questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST, já foi divulgado em duas conferências científicas. A primeira, com alguns resultados preliminares, no Encontro Nacional de Engenharia e Gestão Industrial, que decorreu em Aveiro, nos dias 17 e 18 de maio de 2013 (<http://enegi2013.web.ua.pt/>). A segunda, na conferência internacional realizada na Bélgica, ECIE 2013 European Conference on Innovation and Entrepreneurship, que decorreu em Bruxelas nos dias 19 e 20 de setembro de 2013 (<http://academic-conferences.org/ecie/ecie2013/ecie13-call-papers.htm>). Está igualmente prevista a participação na 4th International Conference on Industrial Engineering and Operations Management que decorrerá nos dias 7 a 9 de janeiro de 2014 em Bali na Indonésia (<http://iieom.org/ieom/>)

Referências bibliográficas

- Askun, B. & Yildirim, N. (2011). Insights on Entrepreneurship Education In Public Universities In Turkey: Creating Entrepreneurs Or Not? *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 24(0), 663-676.
- Cabral, M. M. (2012). Projeto Timor: estudo para a implementação de uma unidade industrial em Timor-Leste. Tese de Mestrado. Universidade do Minho.
- Carayannis, E. G., Evans, D. & Hanson, M. (2003). A cross-cultural learning strategy for entrepreneurship education: outline of key concepts and lessons learned from a comparative study of entrepreneurship students in France and the US. *Technovation*, 23(9), 757-771.
- Carvalho, J. E., Lopes, J. A. A. & Reimão, C. M. (2011). *Inovação, Decisão Ética*, Europress, Lda.
- CCE (Comissão das Comunidades Europeias) (2006). *Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*, Bruxelas.
- CCE (2007). *Superar o estigma do insucesso empresarial – por uma política de segunda oportunidade Implementar a Parceria de Lisboa para o Crescimento e o Emprego*, Bruxelas.
- CCE (2008). *Quadro estratégico actualizado para a cooperação europeia no domínio da educação e da formação*, Bruxelas.
- CCE (2009). *Uma Estratégia da UE para a Juventude - Investir e Mobilizar Um método aberto de coordenação renovado para abordar os desafios e as oportunidades que se colocam à juventude*, Bruxelas.
- Chiavenato, I. (1995). *Vamos abrir um novo negócio*, São Paulo: Makron Books.
- Curteis, H. (1997). Entrepreneurship in a growth culture. *Long Range Planning*, 30(2), 267-155.
- DNE (2011). *Timor-Leste em números, 2010*. Direcção Nacional de Estatística de Timor-Leste.
- DNE (Direção Nacional de Estatística) (2012). *Timor-Leste em números, 2011*. Direcção Nacional de Estatística de Timor-Leste.
- Dolabela, F. (2002). *O segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura Editores Associados.

- Drucker, P. F. (2006). *Innovation and Entrepreneurship*. Harper Business.
- Duarte, C. & Esperança, J. P. (2012). *Empreendedorismo e planeamento financeiro*. Edições Silabo, Lda.
- Durand, F. (2009). *História de Timor-Leste, da Pré-história à atualidade*. Lidel.
- Durand, F. (2010). *Timor-Leste Pais no cruzamento da Ásia e do Pacífico um atlas histórico-geográfico*, Lidel.
- Ferreira, M.P., Santos, J.C. & Serra, F.R. (2010). *Ser Empreendedor - Pensar, Criar e a nova empresa*, Edições Silabo, Lda.
- Filion, L.J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios (tradução). *Revista de Administração*, 34 (2), 5-28.
- Fitzsimmons, J. R. & Douglas, E. J. (2011). Interaction between feasibility and desirability in the formation of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 26, 431–440.
- GEM Portugal (2010). *Estudo sobre o Empreendedorismo*, Fundação Luso – Americana.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O inquérito: teoria e prática*. Celta. Oeiras.
- Hill, M. M., e Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Silabo.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2009). *Empreendedorismo*. Traduzido por Teresa Felix de Sousa, 7ª ed., Porto Alegre: Bookman.
- JOUE (Jornal Oficial da União Europeia) (2006). *Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*, Bruxelas.
- Kuckertz, A. & Wagner, M. (2010). The influence of sustainability orientation on entrepreneurial intentions - Investigating the role of business experience. *Journal of Business Venturing*, 25, 524–539.
- Laspita, S., Breugst, N., Heblich, S. & Patzelt, H. (2012). Intergenerational transmission of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 27, 414-435.

- Maia, T. S. T. & Maia, F. S. (2010). O despertar do empreendedorismo: em foco o programa varejo em ação do sebrae. Acedido a 20 de abril em:
<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/882.pdf>
- Malhotra, N. (2001). Marketing Research: An applied orientation. Harlow: Prentice Hall.
- Maroco, J. (2007). Análise Estatística – Com utilização do SPSS. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- OCDE (2009a). Measuring Entrepreneurship. A Collection of Indicators.
- OCDE (2009b). Pillar iii. Sustainable and diversified non-petroleum sector for job creation and economic growth.
- Oosterbeek, H., Van Praag, M. & Ijsselstein, A. (2010). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. *European Economic Review*, 54, 442–454.
- Otto, R.L. & Longnecker, M. (2010). An Introduction to Statistical Methods and Data Analysis. Sixth Edition. Brooks/Cole, Cengage Learning.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). Manual de investigação em Ciências Sociais. Gradiva. Lisboa.
- Raijman, R. (2001). Determinants of entrepreneurial intentions: Mexican immigrants in Chicago. *The Journal of Socio-Economics*, 30(5), 393-411.
- RDTL (2012). Programa do V Governo Constitucional 2012-2017.
- RDTL (Republica Democrática de Timor-Leste) (2010). Programa Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030.
- Santos, A. O., Andrade, N. A., Gusmão, S. R. K., Barbosa, S. R.; Teixeira, T. F. M. & Fontinate, V. L. P. (2008). Projeto interdisciplinar empreendedor / empreendedorismo. Acedido a 20 de abril em: http://www.unihorizontes.br/proj_inter20081/adm/empreendedor_empreendedorismo.pdf
- Santos, F.J. (2010). Empreendedorismo Módulo I – 2010.1. Acedido a 20 de abril em:
<http://famanet.br/pdf/cursos/semipre/Apostila%20Empreendedorismo%20M%C3%B3dulo%20I%20NOVO%202.pdf>
- Sarkar, S. (2010). Empreendedorismo e Inovação. Escolar Editora.

Saunders, M.; Lewis, P., e Thornhill, A. (2007). Research methods for business students. 4th ed. London: Prentice Hall.

Souitaris, V., Zerbini, S. & Al-Lahan, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22, 566-591.

Srour, R. H. (1998). Poder, Cultura e Ética nas Organizações. São Paulo, Editora Campus.

Timmons, J. A. (1994). New venture creation. 4.ed. Boston : Irwin McGraw-Hill.

UNDP (2011). Relatório Nacional Desenvolvimento Humano de Timor-Leste 2011. Gestão de recursos naturais para o desenvolvimento humano: desenvolver a economia não-petrolífera para alcançar as metas de desenvolvimento do milénio. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (versão traduzida para português).

Van Praag, C. M. (1999). Some classic views on entrepreneurship. *De Economist*, 147, 311-335.

Vieira, F. & Rodrigues, C. (2012). Entrepreneurial intentions of engineering students. Proceedings of the 7th European Conference on Innovation and Entrepreneurship (ECIE 2012), Santarém, Portugal, September.

Von Graevenitz, G., Harhoff, D. & Weber, R. (2010). The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 76(1), 90-112.

Wong, P. K., Ho, Y. P. & Autio, E. (2005). Entrepreneurship, Innovation and Economic Growth: Evidence from GEM data. *Small Business Economics*, 24, 335-350.

Apêndices

Apêndice I: Oportunidades e Ideias

As ideias surgem em muitos lados e de muitas fontes. De facto, as oportunidades de negócio estão por todo o lado à espera de um empreendedor capaz de as identificar e aproveitar. O empreendedor deve ver estas oportunidades não apenas no contexto local mas também global.

Uma oportunidade pode surgir da necessidade de um novo produto ou serviço. Considera-se uma boa oportunidade quando se verifica as quatro qualidades essenciais: ser atractiva, durável, estar disponível no momento e local certos, e ser suportada num produto ou num serviço que adicione valor ao seu comprador ou utilizador. As oportunidades são externas, então no ambiente, e são necessidades ou vontades que embora ainda não estejam satisfeitas podem sê-lo.

As ambições são limitadas, normalmente devido ao medo de não se conhecer os mercados e culturas de outros países, e desejo de atuar localmente, que se pretende como sensação de segurança que advém de trabalhar com base no conhecimento dos mercados locais. A oportunidade envolve dois elementos:

1. A ideia a ser seguida e a oportunidade que foi captada.
2. A avaliação da oportunidade.

Na primeira fase todas as ideias são vagas, portanto através de uma análise cuidada o empreendedor consegue dar forma à ideia e a desenvolver.

A maioria das ideias de negócio concentra vários aspetos:

- Novo mercado. Frequentemente ocorrem mudanças nos padrões e hábitos de consumo dos indivíduos, o que cria oportunidades de satisfazer melhor as suas necessidades.
- Nova tecnologia. Alguns novos negócios baseiam-se em novas tecnologias e técnicas aplicadas a processos de produção e serviços.
- Novo benefício. A apresentação de novas formas de oferecer um produto ou um determinado serviço.

O empreendedor precisa procurar uma ideia de negócio que tem alterações no mercado e nas sociedades que o rodeiam. Todavia, para que uma ideia se transforme numa oportunidade é

importante, antes de mais, analisar e ter conhecimento do mercado, antes mesmo de começar a reunir os recursos humanos, financeiros ou sociais necessários para a criação do negócio.

Assim, o empreendedor precisa de realizar uma análise genérica inicial da ideia para perceber se é minimamente segura e se existe, de facto, uma oportunidade:

1. O que é que está a criar a oportunidade?
2. Durante quanto tempo é que as condições que criam a oportunidade se irão manter?
3. O mercado potencial tem uma dimensão interessante?
4. Qual é a necessidade real para o produto/serviço?
5. Quais são os clientes alvos?
6. Como é que se pode chegar aos clientes alvo?
7. Qual é a sensibilidade ao preço e quanto é que o produto/serviço vale para os clientes?
8. De onde parte a competição? Em que é que os concorrentes não estão a satisfazer as necessidades?
9. Qual é a reação possível antecipar da parte dos concorrentes diretos e indiretos?
10. A tecnologia a utilizar já está disponível? Os custos são conhecidos?
11. Os recursos necessários para criar a nova empresa estão disponíveis?

Embora todas estas questões sejam futuramente alvo de tratamento mais pormenorizado, na análise genérica inicial o empreendedor pode entender quais são as dificuldades que previsivelmente encontrará e como pode adaptar-se às potenciais desvantagens ou ameaças. É evidente que na construção da ideia é fundamental conseguir o melhor ajustamento possível entre a ideia e a necessidade (desejo dos clientes) (Sarkar, 2010; Ferreira, Santos & Serra, 2010).

Apêndice II: questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST

Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVEST

(*Projetu Empreende TIMOR: ENGEMPREENDE*)

Inserido num projeto de investigação em curso na Universidade do Minho (Portugal) e da Universidade Nacional Timor Lorosaé (UNTL), este estudo tem como objetivo compreender as atitudes e intenções de empreendedorismo dos estudantes de engenharia de Timor-Leste. Nesse sentido, pedimos a sua colaboração no preenchimento do inquérito a seguir apresentado (tempo previsto de preenchimento: 10 minutos).

Hatama (enkaisa) lha kursu projetu de Investigasaun lha Universidade do Minho (Portugal) no Universidade Nacional Timor Lorosaé (UNTL), estudu neé ho objectivo atu buka konpriende hahalok no intenssaun berwraswasta estudante engenharia Timor-Leste. Ho sentidu ida neé, husu nain hira nia kolaborasaun hodi priense inkertu sira neé tui mai apresenta (tempu nebe sei usa hodi priense: 10 minutos)

1. Género (sexu): ☐ M ☐ F | 2. Idade (tinan): _____ | 3. Curso (kursu) e Universidade: _____ | 4. Ano do curso (tinan kursu): _____

5. Cresceu numa família empreendedora i.e., tem pai e/ou mãe com negócio próprio? (assinale apenas uma das opções)

(Morts husi familia nebe maka kria servisu (empresário), husi aman ou inan nebe ho nia servisu rasik? (tau sinal x ba opsau ida entre opsau hat neé))

- a. Sim, o negócio ainda está ativo
(Los, kontratu ou negoslu sei laó hela.)
- b. Sim, o negócio ainda funcionou pelo menos até há 5 anos atrás
(Los, kontratu ou negoslu sei laó hela pelumenus lha tinan 5 ltu ba.)
- c. Sim, mas o negócio funcionou há mais de 5 anos atrás
(Los, malbe kontratu ou negoslu laó tia ona lha tinan 5 kotuk ltu ba.)
- d. Não, os meus pais nunca foram empreendedores
(Lae, hau nia aman no inan nunca loka servisu. (menciptakan lapangan kerja))

6. Alguma vez ponderou seriamente iniciar o seu próprio negócio? (assinale apenas uma das opções)

(Dala ruma ho serlu o hahu kontrola o nia kontratu (negoslu) rasik? (tau sinal x ba opsau ida entre opsau hat neé))

- a. Não, nunca
(Lae, nunca)
- b. Sim, mas abandonei a ideia
(Los, malbe hau husik no la halaó ldeia neé)
- c. Sim, estou determinado a ser o meu próprio patrão no futuro
(Los, hau hakarak tebes sal patraun ba hau nia rasik lha tempu ikus mai)
- d. Sim, já estou a iniciar o processo
(Los, hau hahu ona ho prosesu neé)
- e. Sim, sou o meu próprio patrão
(Los, hau patraun ba hau nia rasik)
- f. Sim, já fui o meu próprio patrão mas atualmente não sou
(Los, hau sal tia ona patraun ba hau nia rasik malbe agora neé lae.)

7. Suponha que inesperadamente herda 20 000 euros, como investia esse dinheiro? (assinale apenas uma das opções)

(Se kark derepent lta simu osan eransa \$ 20 000, olisa lta investe osan ida neé? (assinale apenas uma das opções))

- a. Investia num negócio próprio
(Investe ba hau nia kontratu (negoslu) rasik)
- b. Investia num carro ou casa própria
(Investe hodi hola kareta ou halo uma rasik)
- c. Investia num fundo de investimento
(Investe lha fati osan nia nebe sei lha funan boot)
- d. Depositava numa conta bancária
(Ral lha rekenig ruma lha banco)
- e. Outro
(Seluk)

Apêndice III: questionário Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF

Projeto EmpreendeTIMOR: UNIVPROF

(Projeto Empreende TIMOR UNIVPROF)

Inserido num projeto de investigação em curso na Universidade do Minho (Portugal) e na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), este estudo tem como objetivo compreender as atitudes dos professores universitários de Timor-Leste em relação à iniciativa de alguém criar o próprio emprego (empreendedorismo). Nesse sentido, pedimos a sua colaboração no preenchimento do inquérito a seguir apresentado (tempo previsto de preenchimento: 10 minutos).

Enkasa lha projetu investigasaun ba kursu nebe lha Universidade do minho (Portugal) no Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), estudu ne'e ho objetivu atu buka hatene hahalok professores sira nian lha universidade Timor-Leste kona ba inislativu ema ruma nia atu kria servisu rasik (berwiraswasta). Ho sentidu lha ne'e, husu nain hira nia kolaborasaun hodi priense inkeritu sira nebe apresenta tuir mai ne'e (tempu nebe sel usa hodi priense: 10 minutos)

1. Género (sexu): M ☐ F ☐ 2. Idade (tinan): _____
3. Universidade: _____
4. É professor de que disciplinas? (Ita Professor ba disciplina ou (matéria) lha nebe?): _____

5. Assinale o seu grau de concordância com as seguintes afirmações (selecione com um círculo o algarismo que lhe parece mais adequado) (Tau sinal ba afirmasaun sira tuir maine se ita concorda ho sira (Tau sinal kabuar (lingkar) ba numru lha nebe maka los ilu)

	Discordo totalmente	Discordo de alguma forma	Não concordo nem discordo	Concordo de alguma forma	Concordo totalmente
	La simu totalmente	La simu ho alasan ruma	La simu nem la kol	Simu ho alasan ruma	Simu totalmente
5.1. Em negócios, é preferível alguém ter a iniciativa de criar o próprio emprego (ser um empreendedor) do que ser um empregado numa grande empresa ou no estado (Iha negosiu ou kontratu, ita prefere lha ema ruma ho iniciativa kria servisu rasik (sal ema nebe kria servisu) duke sal empregadu ba kompania bot ruma ou servisu ba estadu))	1	2	3	4	5
5.2. A iniciativa de criar o próprio emprego (empreendedorismo) é basicamente uma saída ou recurso para pessoas que falharam (Iha Inislativa kria servisu rasik (berwiraswasta) hanesan alternativa baskia lha ou melus lha ba ema sira nebe lalha servisu ou falla husi nia servisu.	1	2	3	4	5
5.3. É mais benéfico para a sociedade ter grandes empresas do que muitas empresas pequenas (Fo benefislu barak lha ba sosiedade, wainhira lha kompania bot maka barak lha duke lha kompania kilik maka barak)	1	2	3	4	5
5.4. A concorrência é indesejável porque destrói a economia (Iha konkpetisaun ou (persingan) nee ita lakol tamba bele estraga ekonomia)	1	2	3	4	5
5.5. O sucesso de alguém que cria o seu próprio emprego (um empreendedor) é fortemente determinado pela "sorte" (Susesu ba ema sira nebe kria servisu rasik (pengusaha) determina makas lha husi sira nia sorte)	1	2	3	4	5
5.6. Os bancos não dão facilmente crédito para o início de empresas (Banku sira la fasti fo kreditu ba kompania sira nebe maka foin hahu)	1	2	3	4	5
5.7. A legislação é desfavorável (adversa) à gestão de uma empresa (Lei la favorável ou (bertolak belakang) ho manjementu compania nian).	1	2	3	4	5
5.8. É difícil encontrar uma ideia para um negócio que não tenha ainda sido identificada (Diffisil hetan idelas ruma para hodi loka kontratu ou (negocio), nebe antes ne'e seidauk identifika)	1	2	3	4	5
5.9. Os que criam o seu próprio emprego (os empreendedores) têm uma imagem positiva na sociedade (Sira nebe kria servisu rasik (pengusaha) lha Imagem positivu lha sosiedade nia let.)	1	2	3	4	5
5.10. Existem especialistas ou consultores (consultadoria qualificada) e serviços de apoio a empresas novas (Iha ema espesialista ruma fo konselu no lha apolu servisu ruma ba kompania foun sira)	1	2	3	4	5
5.11. O ambiente criativo da universidade inspira o desenvolvimento de ideias para novos negócios	1	2	3	4	5

Apêndice IV: Declaração de necessidade de deslocação (fevereiro 2013)



Universidade do Minho

DECLARAÇÃO

Filipa Dionísio Vieira e Cristina Rodrigues, Professoras Auxiliares do Departamento de Produção e Sistemas, da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, e Orientadoras de Tomas Soares Xavier (Pg.20118), aluno do Mestrado de Engenharia Industrial, declaram que este tem necessidade de se deslocar a Timor-Leste, para levantamento de dados necessários ao desenvolvimento da sua tese de dissertação, cujo título é Projeto EmpreendeTIMOR: um contributo para a promoção do empreendedorismo em Timor-Leste.

Universidade do Minho, Guimarães, 06 de fevereiro de 2013

Filipa Dionísio Vieira
(*Professora Auxiliar*)

Cristina Rodrigues
(*Professora Auxiliar*)

Apêndice V: Declaração de necessidade de deslocação (agosto 2013)



Universidade do Minho

DECLARAÇÃO

Filipa Dionísio Vieira e Cristina Rodrigues, Professoras Auxiliares do Departamento de Produção e Sistemas, da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, e Orientadoras de Tomas Soares Xavier (Pg.20118), aluno do Mestrado de Engenharia Industrial, declaram que este tem necessidade de se deslocar a Timor-Leste, para levantamento de dados necessários ao desenvolvimento da sua tese de dissertação, cujo título é Projeto EmpreendeTIMOR: um contributo para a promoção do empreendedorismo em Timor-Leste.

Universidade do Minho, Guimarães, 25 de julho de 2013

Filipa Dionísio Vieira
(*Professora Auxiliar*)

Cristina Rodrigues
(*Professora Auxiliar*)